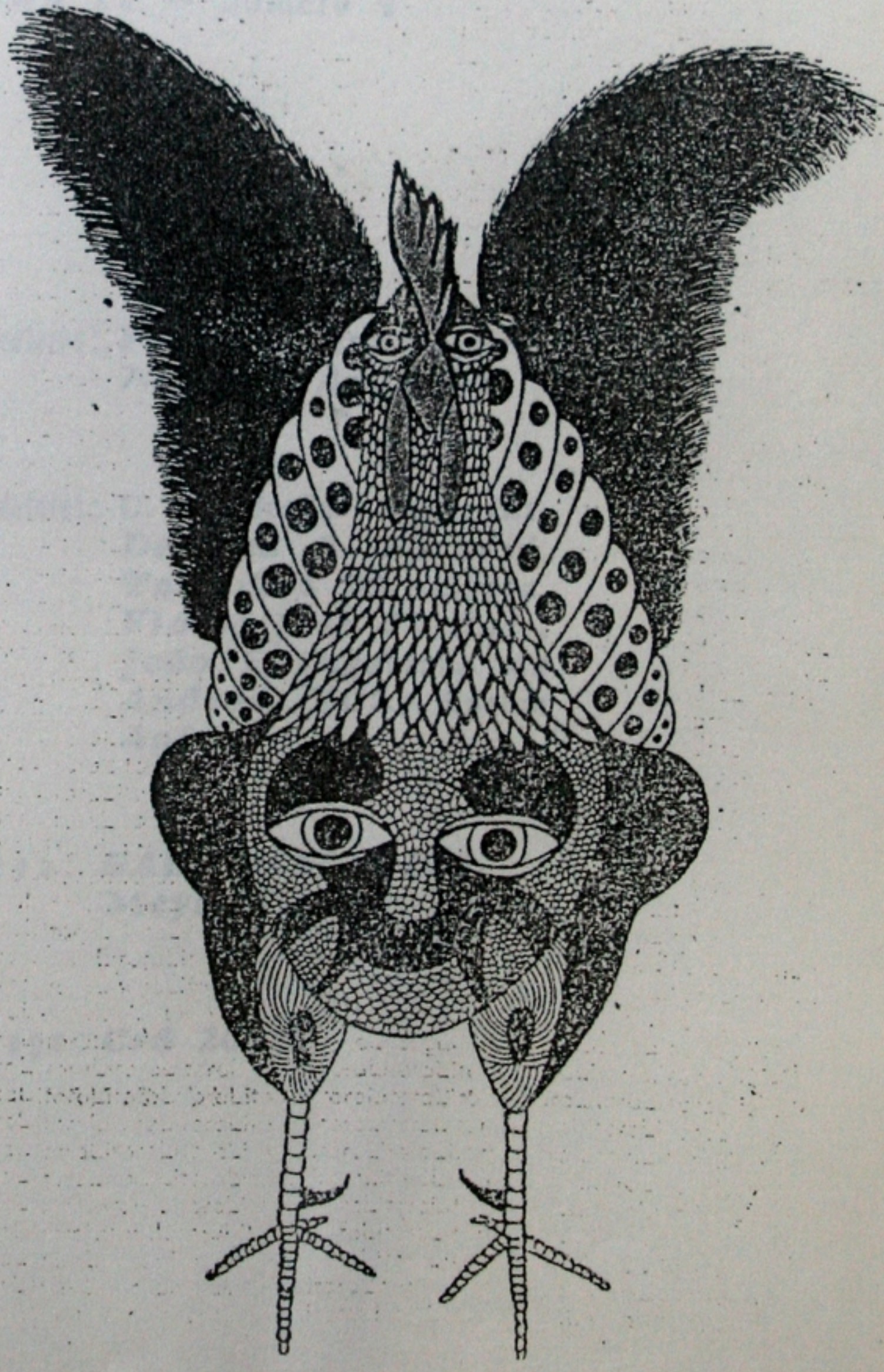


# LITORAL

JANUARY - 1960





# LITORAL

JANEIRO -- 1960

redação -- rua Padre Roma 48,  
Florianópolis,  
Santa Catarina

ano II -- número 4

diretores: *Paschoal Apóstolo*  
*Nicolau Apóstolo*

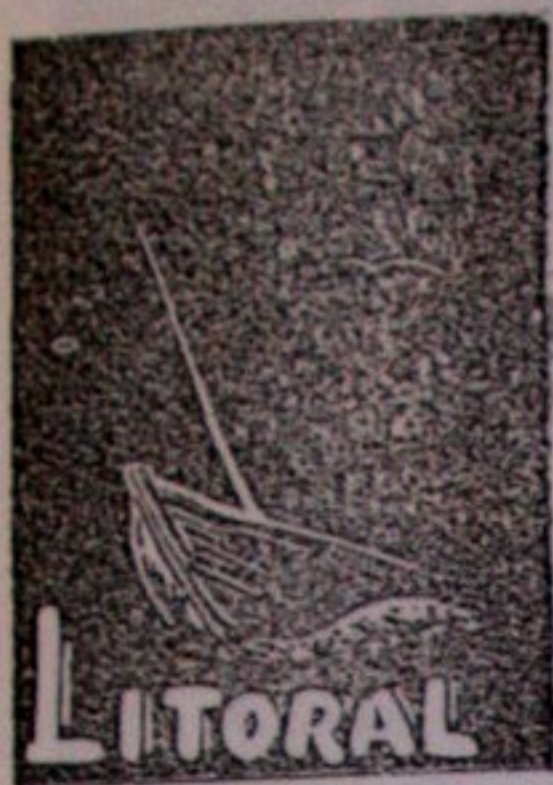
redatores: *C. Ronald Schmidt,*  
*Déspina S. Boabaid,*  
*Taliarbas M. Costa,*  
*Flávio José Cardoso,*  
*João Evangelista de*  
*Andrade Filho, Savas*  
*Apóstolo*

capa: **GALO DIABOLICO**  
*Meyer Filho*

preço: Cr\$ 20,00

arquitetura  
escultura  
pintura  
música  
literatura  
teatro  
decoração  
política  
reportagem  
fotografia  
sociedade  
cinema  
esporte  
propaganda  
dança  
publicidade  
rádio





## AO LEITOR

LITORAL é uma revista dos moços de Santa Catarina, mas que não desdenha os valores representativos de outras gerações. E a prova disso é a presença, em suas páginas, de nomes como o Prof. Mâncio da Costa, um dos veteranos das letras catarinenses, e do escritor Othon d'Eça, autor de "Homens e Algas".

LITORAL não tem intenções agressivas, nem intuídos de nolidores ou hostis.

Isto, porém, não quer dizer que não procuremos construir, com a contribuição pessoal de cada um — uma vida nova —, com a força e originalidade combativa dos novos e o equilíbrio, a fecunda experiência dos velhos mestres das nossas letras.

Não seria possível vivermos à margem da atmosfera que nos cerca, indiferentes aos problemas do Homem dos nossos dias.

Para isso, todavia, não precisa LITORAL isolar-se num exclusivismo egoísta e inútil, repelindo o passado, recusando a colaboração de autores de outras gerações que não a nossa, desde que isso não importe numa capitulação dos nossos propósitos.

Queremos, apenas, trabalhar a céu aberto, sob o sol de todos; à vista de toda gente, certos de que, agindo com tenacidade, lutando com coragem e sofrendo com alegria, não passaremos em vão na vida de Santa Catarina e do Brasil.

Este é o firme objetivo que a revista LITORAL reúne para a grande caminhada e a magnífica tarefa de continuar, sem desmerecer a tradição intelectual da terra barriga-verde.

\*\*\*

Ao apresentarmos nossas escusas pelo atraso deste quarto número, compreendemos esclarecer que era intenção nossa continuar editando LITORAL pela Imprensa Oficial do Estado, única editora na Capital catarinense. Porém não obstante o nosso propósito de arcar com as despesas correspondentes à sua confecção, o Sr. Secretário do Interior e Justiça, Laerte Ramos Vieira e o Diretor da Imprensa Oficial do Estado, Jorge Krautz Carneiro, por motivos que ignoramos e para o qual o nosso bom humor não encontra justificativa, deixaram de responder a nossa carta, impedindo assim que LITORAL fôsse lançado com sua data.

\*\*\*

Ben oportuno o apoio recebido do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

Agradecemos na pessoa do seu ilustre Presidente, Reitor Henrique da Silva Fontes e Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral, mui digno Vice-Presidente, ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, o gesto nobre e elevado, que representa estímulo moral e apoio material a uma iniciativa enriquecida pelo espírito de luta e idealismo de seus editores e colaboradores.

A DIREÇÃO



café

OTTO



Uma das boas coisas da vida



# Fotografia

Discurso pronunciado pelo Secretário dos Negócios da Educação e Cultura, Dr. Vitor Peluso Júnior, na Casa Santa Catarina, dia . . . . . 19/12/59, por motivo da inauguração do I° Salão Internacional de Arte Fotográfica ;

É uma honra, para a nossa capital, abrigar um salão internacional de arte fotográfica. Nas peças que compõe esta exposição apreciamos, além da técnica, da aplicação dos preceitos que formam o ofício de fotógrafo, a propriedade, que sentimos haver em cada uma delas, sutil e característica, que denuncia a sensibilidade do seu autor. Lembrando-nos das palavras de Santayana, podemos afirmar que nesses trabalhos fotográficos há prazer olhado como qualidade, isto é, há beleza.

A arte fotográfica, exibida nos salões do nível deste que abre ao público, apresenta as qualidades estéticas da obra de arte. Numerosa característica, que denuncia a sensibilidade que negam, à fotografia, a nobreza do belo. Basta lembrar as duas falácias citadas por Thomas Craven: a câmara fotográfica desfaz, de maneira fácil e econômica, as dúvidas do artista, e que o fotógrafo, selecionando material, usando do relaque, da distorção focal e de outros recursos, pode compôr um quadro. Craven combate esses argumentos, mostrando que a visão humana, ainda que registre um aspecto do mundo físico, não é uma operação mecânica, mas uma percepção construtora, um esforço integrado que inclui memória, associações e experiência; e que um quadro apresenta preferências individuais, concentrações dramáticas de energia em formas proeminentes, choques que excitam nossas emoções.

Há, nossas apreciações um preconceito que encontra sua origem na história. Por muitos séculos, os pintores e escultores procuraram o belo na natureza. Winckelmann apontava, nas obras-primas dos antigos gregos. As descobertas científicas do fim do século passado pareceram dar, ao pintor, os meios necessários para uma representação fiel da natureza. Monet, Pissarro e tantos outros exaltaram a "inocência dos olhos", e criaram recintos pictóricos que, baseados na observação, foram comprovados no laboratório. Os impressionistas, combatidos primeiro, e exaltados depois, foram, mais tarde, apontados como autores do grande erro de se preten-

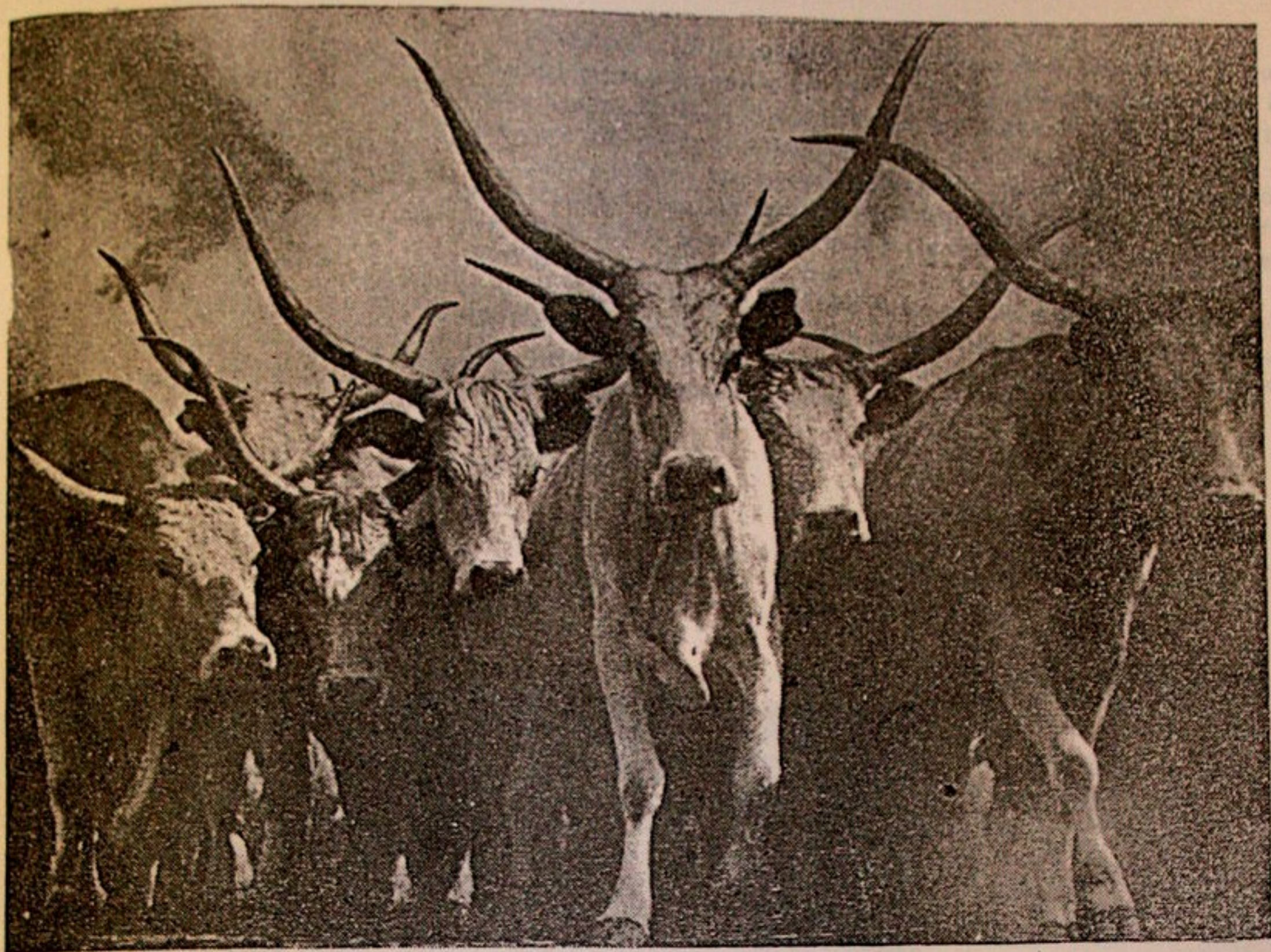
der copiar a natureza, quando a câmara fotográfica, inventada e aperfeiçoada quase ao mesmo tempo, fazia este trabalho mais fácil e fielmente. A fotografia influiu fortemente sobre as concepções dos artistas, dando nascimento, ao mesmo tempo, de preconceitos que emergem nos dias atuais.

O erro de quem nega, à arte fotográfica suas qualidades estéticas, provém de querer assimilá-la à pintura. Não é possível fundir as duas artes, porque cada uma apresenta seu campo específico. É certo que nos primeiros tempos, entusiasmados pelas possibilidades que apresentavam nas suas câmaras os fotógrafos julgavam-se capazes de se sobrepor ao pintor. Com a maturidade, o fotógrafo compreendeu que seu interesse artístico é outro e passou a trabalhar conscienciosamente, com afinco, dando, à sociedade, obras soberbas como as que presenciámos.

Há uma profunda inter-relação entre o artista e a comunidade. Como expõe Herbert Read, o artista depende da comunidade, toma-lhe o tom, a intensidade da sociedade de que é membro. Mas o caráter individual da obra do artista depende de mais: de uma forma desejada, que é um reflexo da personalidade do artista, e não há verdadeira arte sem um ato de vontade criadora. Todas essas qualidades demonstra o fotógrafo. Trabalha continuamente, aproximando-se mais do artista das épocas brilhantes da Idade Média, que do pintor dos nossos tempos; o artista da atualidade embrenha-se por teorias, produz manifestos, sufoca-se com idéias que produzem a desordem que Marcel Zabor denuncia na arte contemporânea; o fotógrafo permanece silencioso, quase anônimo, produzindo grandes trabalhos nos modestos laboratórios de quase todas as comunidades espalhadas pelo mundo.

O salão internacional de arte fotográfica, que inauguramos, é uma demonstração brilhante de progresso dessa arte. Temos a comprovação, pelas obras nele expostas, que a técnica se une à sensibilidade que caracteriza o artista. Neste salão, há um incentivo para os fotógrafos que por timidez não participaram desta exposição; para o povo, nele encontramos uma lição de que a beleza faz parte do mundo em que vivemos, e que o homem, lutando contra todas as forças que materializam a vida moderna, jamais deixou de amar e procurar o belo.





**Salão  
Internacional  
de  
Arte  
Fotográfica  
em  
Santa  
Catarina**

BOIS — Francisco Aszmann — Rio de Janeiro.

Este original trabalho de Aszmann apresenta o ponto máximo em que pode chegar a habilidade de um fotógrafo.

A interessante fotografia acima, cujo aspecto gracioso está ligada ao feliz momento em que foi batida, permite que a exatidão colhida neste flagrante produziu esplêndido efeito.

Entre os prêmios obtidos, destacam-se:

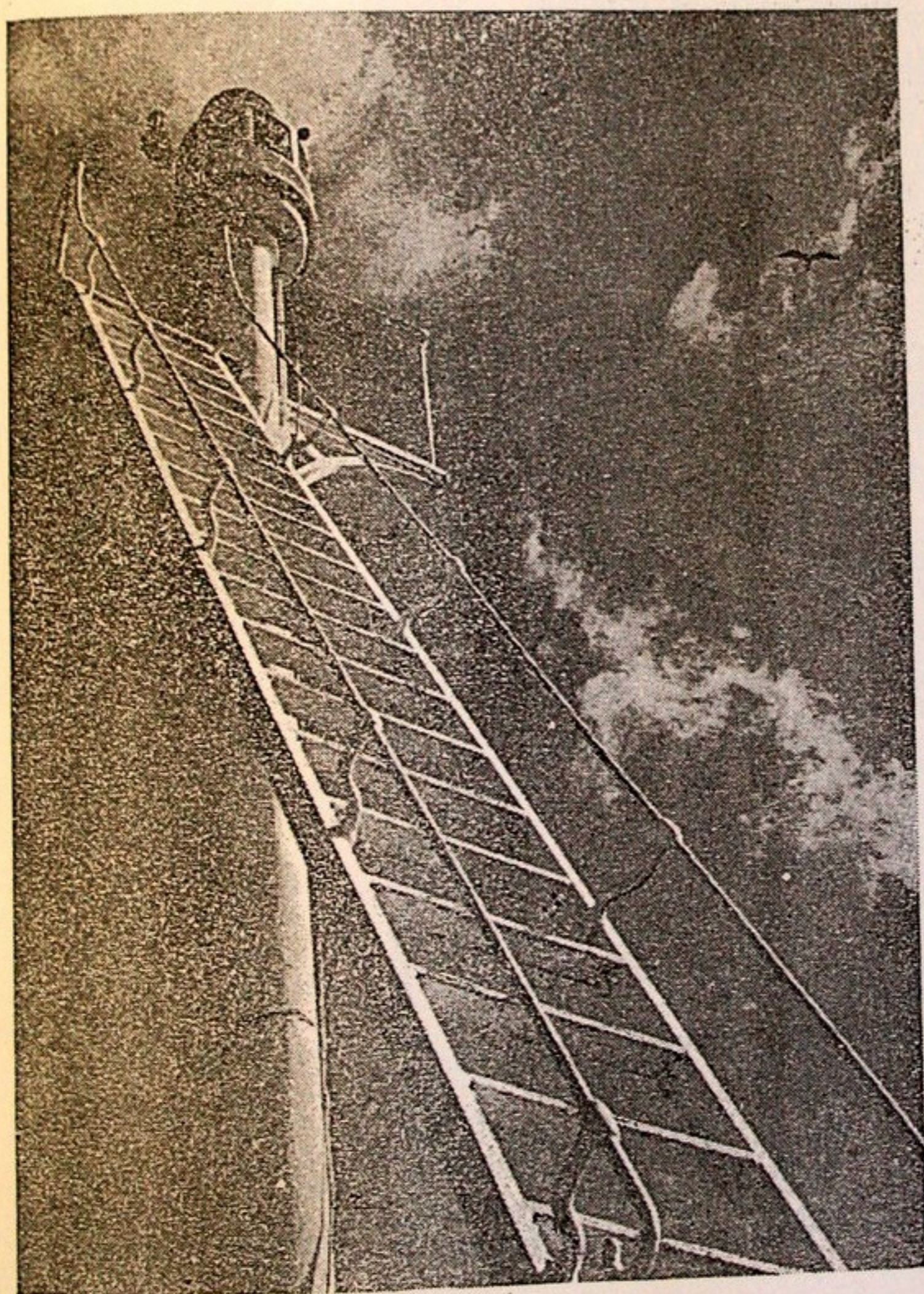
CAIRO, — 1949 — medalha de prata  
MENDOZA, — 1950 — grande prêmio  
NEW ZELAND, — 1950 — medalha de prata  
BEAGRAND, — 1952 — medalha de ouro  
TRES ARROYOS, — 1952 — medalha de ouro  
BOSTON, — 1953 — medalha de ouro  
QUERETARO, — 1953 — medalha de prata  
MALBOURNE, — 1954 — medalha da Elisabeth II  
EDMONTON, — 1954 — medalha de prata  
COURTRAI, — 1954 — medalha de ouro  
MOSTES — LA — JOLI, 1956 — medalha de prata  
SETUBAL, — 1957 — medalha de ouro  
CHICAGO, — 1958 — medalha de ouro



O Mundo atual, vivendo sob uma névoa de inquietação, em que o modus vivendi procurando atingir um nível social mais adiantado é eficiente, apesar de tôdas as dificuldades, há os que, sem egoísmo, contribuem para um maior entrosamento através das artes.

São os artistas que, influenciados pela própria época e pelo próprio meio em que vivem, empregam sua capacidade de ver, de sentir, transmitindo a outros povos as formas mais versáteis de compreensão e entendimento através da fotografia.

Atualmente, deixou a fotografia de ser um simples instrumento publicitário ou documentário, para se transformar numa arte pura, em que importa mais o sentido humano, do que o próprio instrumento optico, que apenas registra os fatos.



VIGIA DA BARRA  
Waldir Fausto Gil  
Florianópolis

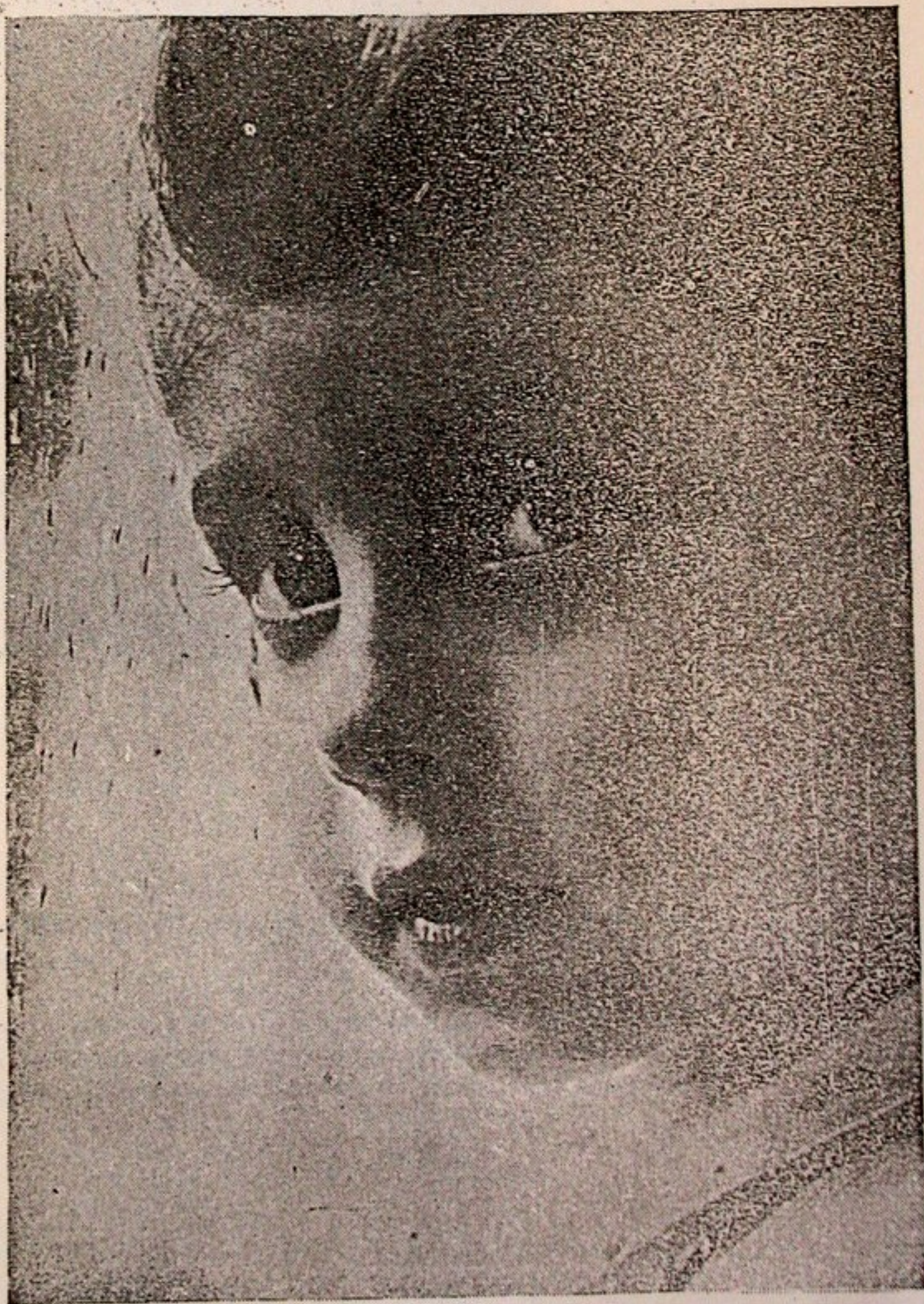


Seu campo de ação vem tomando tal forma, que a sociedade já não pode mais ignorá-la ou dela prescindir, seja como elemento básico de pesquisas, de entretenimento ou mesmo artístico.

A fotografia artística revela a filosofia do fotógrafo, e não só dele, sinão do próprio meio em que vive.

Antigamente os fotógrafos copiavam integralmente os pintores, reproduzindo composições notáveis ou imitando as luzes de Rembrandt. A fotografia atingiu agora seu amadurecimento. Não plagia nada, tem sua linguagem própria; adquiriu um sentido artístico.

E como toda arte que sofre as influências da época, a fotografia vive agora a sua maior época, que é a transformação do clássico para o moderno. E o modernismo é consequência da evolução da vida humana através dos tempos. O homem tende sempre a procurar o insensível,



PORTRAIT  
Eugênio Alfredo Müller  
Florianópolis





PERDIDOS DE AMOR  
Francisco Aszmann  
Rio de Janeiro

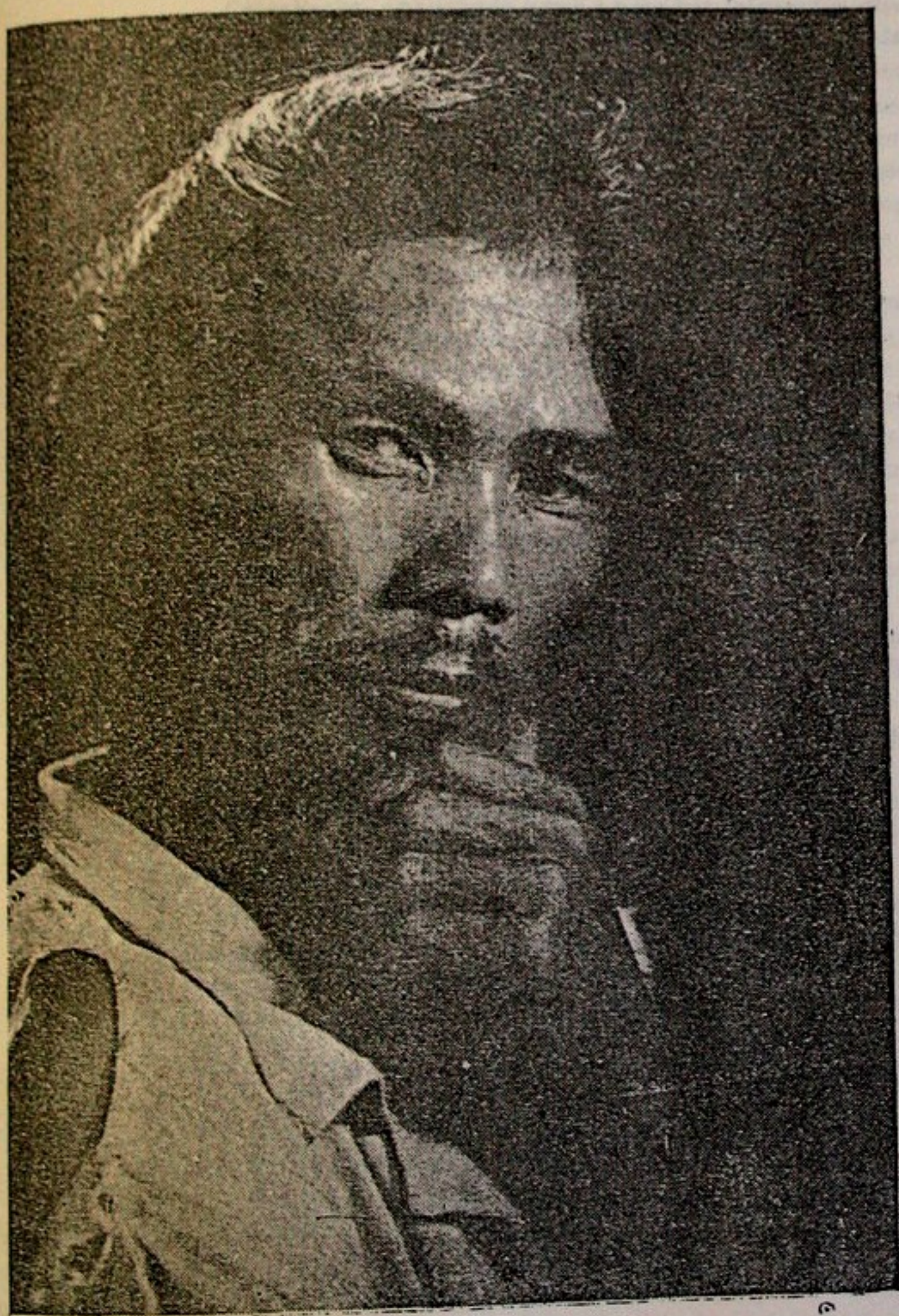
trazendo a lume novidades efêmeras ou não, mas que passam fugir a os hábitos e aos costumes.

Como fugiram o pintor, o escultor e o escritor do classissismo, fuge hoje o fotógrafo que se moderniza, procurando imprimir nos saís de prata o seu modo de ver, de sentir e sua maneira de pensar, toda personali.



sta. Os passos da fotografia moderna são tão firmes, que hoje temos os salões distintamente modernos e clássicos.

Não faz muito, e isto ocorreu este ano em Munique, na Alemanha: foram apresentadas 3.350 fotos de autores pertencentes a 40 países, havendo uma aceitação de 250 trabalhos. As não aceitas, nada mais eram



PORTRAIT  
Pedro Calheiros  
Rio de Janeiro



do que fotos demasiadamente naturais, assim como reais são os quadros de Rembrandt, Haranem Van Steenwijch, Jerônimo Bosch, Mesdag, Cornelis, Miguel Angelo, Leonardo da Vinci e tantos outros, na pintura e na escultura.

O movimento artístico fotográfico no mundo é tão intenso que nos Estados Unidos, no corrente ano, já se fez seleções de trabalhos para constarem em permanente exposição nos museus de arte.

Já no ano de 1955 o circunspeto Museu de Louvre abriu suas portas a Cartier Bresson, grande nome da fotografia francesa, o que, até então, ninguém havia conseguido.

O Museu Nacional de Paris, há anos, realiza um Salão Nacional, cujas provas são devidamente arquivadas. O Museu Nacional de Belas Artes no Distrito Federal, este ano, também pela primeira vez, abriu suas portas a uma exposição fotográfica, merecendo a honra PEDRO CIERO, renomado artista Argentino, que apresentou interessante trabalho "A Fotografia e a Música".

Glória, pois, a todos aqueles que tiveram a ventura de chegar ao ápice da perfeição, mas que tiveram o pensamento voltado para o seu semelhante, dando de si, para o aprimoramento da cultura de um povo.

Craeykechx, analisando o que é uma boa fotografia, disse: "Uma fotografia deve transmitir-nos uma sensação confusa, inefável, de prazer, de sofrimento, de graça, de serenidade, de vigor, de piedade, de calma, de eternidade, etc." E essa sensação deve, longe de se apagar gradualmente ganhar em intensidade com o decorrer dos anos.

O FOTO CLUBE DE SANTA CATARINA, ao inaugurar o seu primeiro Salão Internacional de Arte Fotográfica, quis proporcionar ao povo de Florianópolis, obras fotográficas e artísticas, que estão plenamente de acordo com o pensamento de Craeykechx.

É um Clube que iniciou seus passos no ano de 1954, mas que silenciosamente vai se agigantando perante clubes estrangeiros, e nacionais. O decorrer do ano de 1958 e 1959, trouxe vitórias marcantes, como a medalha de ouro alcançada por Alfredo Meyer no Salão Internacional da Argentina, Medalha de Prata de Eugênio Müller, no Internacional de Santos e agora a sua segunda medalha no Internacional de Florianópolis.

Além dos primeiros lugares, houve na pessoa de outros sócios, menções honrosas e fotos publicadas em catálogos o que se pode considerar um dos maiores prêmios conferidos ao expositor.

O Foto Clube de Santa Catarina, participando com apenas 6 sócios no 8º Salão Mundial, no Estado do Rio, em Outubro de 1959, em que tomaram parte 40 países estrangeiros e 19 clubes nacionais, num total de 2.010 fotos apresentadas, teve 11 aceitações com uma publicada, de Ary Mascarenhas Passos. Sua Colocação, neste certame, foi a terceira entre os nacionais, superando inclusive, todos os clubes paulistas.

Isto é levar e elevar o nome de Santa Catarina e do Brasil, no panorama mundial da arte fotográfica.

O Criador foi perfeito e a mais perfeita de Sua Obra, foi o ser humano. Coube, pois, ao homem burilar as suas próprias idéias e as suas realizações, tornando-as perfeitas.

Aqui os artistas cumpriram sua tarefa maravilhosamente.

WALTER JOSÉ JORGE



# O angustiado

ALVIM BARBOSA

O homem com seu silêncio no quarto calafetado. Tudo é negro, tudo é branco. Na solidão não há cores. Apenas poesia triste:

"Se não houvesse saudade...

Solidão nem despedida,

Se a vida tôda não fôsse

Além de breve, perdida...'

Além da poesia, os olhos contemplando escuridão, formando rosas informes. Os olhos, lágrimas só.

Janela aberta ou fechada? Pensa ou vê. Não vê, mas sente. Estrêlas invadem tudo. Estão invadindo o quarto e se anulando. Só a lua tudo se move. Está parada, sem brilho. Não se move. Nôve horas consumadas.

Foi ontem? Já não se sabe, ou saberá? Indeterminado no tempo e movimento sem data. Um lento gesto noturno partindo cristais, oliveiras e figuras. Sete dores sete são na madrugada. A cama ficou calada com sete punhais cravados no interior.

Ontem... Velha sugestão de angústia, penetrante e suportável. Mas sete vezes sete são as sugestões e nascendo garras, espinhos, pedras finas, íntimos alfinetes, angústia cresceu demais.

— Minha senhora, essa angústia...

— Que coisa tola, senhor...

— Eu não agüento essa ang...

— Bobagem. Vamcs dançar.

Dança macabra. De feira. Dança da vida diária. Olhos baços. Tudo podre. Tudo mesquinho. Sorrisos, corpos sem vida. Vontade de se matar ou tentar a experiência.

(Enfim consumava-se o que afinal ninguém queria compreender, embora todos soubessem que iria acontecer).

— Havia um rapaz solitário com um coração tão grande que...

— Bom começo para um futuro epitáfio piegas...

Deixou tudo. Escapou. Figiu na noite da música, do homem, da madrugada, do dia determinado, da mulher. Queria fugir da vida pra levar o amor consigo. Amor tão belo e tão puro não deveria existir.

Como pedaços de estrêlas no frasco brilham as pastilhas. Pequenas, indefesas. O gesto-movimento agora determinado.

Se escapasse a vida seria outra, adquirida, talvez ressuscitada.

Começaria por arrancar os punhais. Sete dores que não multiplicadas jamais se renovariam. E mesmo que assim fôsse, não choraria na noite nem no roteiro dos dias. Começaria por abrir as janelas e a porta. Começaria por organizar as estrêlas, as rosas, os espinhos. Começaria um dia renascido

Agora nada. Só vontade de dizer que a noite se tornou infinitamente velha.

Apenas quadrados brancos na superfície da mão. Rosaluz? Rosa de nada, despetalada, alada, fabricada sem sentido.



# Círculo sexto

NEREU CORRÊA

De Maura de Sanna Pereira conhecia apenas uma ou outra poesia esparsa. Sei que "Cântaro de Ternura", aparecido no verdor dos anos, foi o primeiro rebento dessa floração que nos daria mais tarde "Poemas do Meio Dia" e que agora se desata outra vez nos renovos poéticos do "Círculo Sexto".

Desconhecendo a obra anterior de Maura de Sanna Pereira não posso precisar a linha de evolução percorrida pela poetisa — nesse círculo lírico através dos livros publicados. O que posso dizer, pela leitura dos versos que compõe o "Círculo Sexto", é que Maura não esgotou o seu "cântaro de ternura" no primeiro livro. Quase tôdas as páginas deste livrinho que agora recebo estão inundadas da mais copiosa e humana ternura, num sentimento de bem querer que envolve tôdas as criaturas — a criança, o velho, o pobre, a mulher, em suma, tôda a humanidade, sem crises nem revolta, mas num gesto mitigatório de quem afaga, acalenta e consola:

"Imprecações não ergo e sim ditirambos

e sim aleluias

e sim hosanas

às pedras e às dcres do caminho."

O seu canto é feito de doçura, de nobreza e de amor. Para todo o ser humano não deseja apenas o pão, mas também a rosa e a paz. "Canção em Rosamor" tem o embalo de uma cantiga de minar. Sente-se o hálito generoso que lhe aquece o coração e que dele — transborda nas asas de um lirismo plenamente acessível:

"Quero ninar o meu menino

Acender o meu fogão

esperar o meu amado

com o pão branco na mesa

e jamais frescos na mão."

É um encantamento percorrer estas páginas do livrinho de Maura, cujos versos, de um lirismo ora mais rarefeito, ora mais denso, nunca se afastam do clima poético que os ins-

pirou. Os seus símbolos são claros e harmônicos. O ritmo do verso é moderno, mas o sentimento que o anima não esconde a sua origem romântica. Aliás, raro é o poeta dos nossos dias cuja obra não traz, nas dobras íntimas da sua mensagem, um sopro passadista. A herança deixada pelo romantismo está presente em quase tôdas as gerações na poesia brasileira, a começar pelos parnasianos, que, apesar da ênfase formal, nunca se libertaram inteiramente do subjetivismo romântico.

Maura de Sanna Pereira não se erradicou totalmente da sua terra. As suas raízes continuam embebidas na paisagem da província, num prolongamento afetivo que a distância e o tempo não conseguiram romper. A última parte do "Círculo Sexto" são evocações da terra — "Balada para o vento sul", "Ilha mulher", "Louvação para Santa Catarina", "Lagoa da Conceição", "Retrato de Anita".

No quadro, no retrato ou na paisagem está sempre a alma do poeta, carregada de ternura e afetividade.



# POEMAS

C. RONALD SCHMIDT



Carlos Ronald Schmidt

## IV

Sobre mim o teu poder, crosta de terra vergastada  
onde aos gritos a súbita flor desabrocha e suplice  
ao reconfortador orvalho sau'da. Todo o espírito  
que ao elevar-se não possa, ressen-te-se do Tempo  
como a imprecisa manhã ao esforço do Sol  
entre tão poderosa necessidade de chuva!

## XIV

Um fúnebre recesso, após a minha ausência  
a resguardar-te dos opróbios deixados à minha porta.  
Longos anos cultivei a poesia e o amor aos pobres;  
repudiei a guerra e a intimidade perdi, a ajudar-te a faina.

.....

Deixa que o merino vestido se despeça agora.  
No caminho ele encontrará exércitos em retirada  
e a própria vida há de saudá-lo festivamente.  
Remove a laje que te encobre o sorriso:  
uma criança morta é mais que um sorriso!

## XVIII

Uma saudade que pesa e me abafa a própria Vida.  
Não pelo amor propriamente, mas, por felicidade impressentida  
ou, a estranha congérie por dois formada;  
como se ao tenro céspede a dura cavidade abrangesse num reclamo,  
e o meu ser, na tua ausência confinado, brotasse ainda  
nutrindo-se da seiva desprezada e do pouco ar que lhe restára.

## II

Sonhos dispersos. Nitidas sombras ao tempo nos bosques.  
Maravilhosos pensamentos, frias reservas do que fomos outrora,  
quando ágeis demônios servem-se da ausência misteriosa  
e tudo mais a envolver-nos na verde claridade...  
os deslumbramentos formados desta lenta agonia.

## III

Recolho desde agora os pensamentos, os mais incertos.  
Magnífico, se aproxime o sol da radiante cabeça  
e possa desvendar-se qual pura chama, o infinito Verbo,  
chaga luminosa, cancer de luz a consumir os desertos,  
esfera de cristal refletindo a própria Eternidade!

(Do livro a sair: ANAGLIFO)



# A CLARINETA

Tossiu. As mãos tatearam o ar, trêmulas; alcançaram o garrafão de aguardente, a um canto, junto da cama. Deitado, correu os olhos pelo quarto miserável — paredes encardidas e esburacadas; o guarda-roupa; o calendário empoeirado, pendente de um prego; a caçeira a expor camisas de colarinhos sujos. E daí? Nada que lhe pudesse distrair os olhos ou trouxesse uma esperança de novidade. O mesmo cenário exíguo, como uma canção enfadonha, repetida mil vezes. A tosse súbita, o líquido derramando num fio pelos cantos da boca, caindo no peito magro. Logo então a dormência, a sensação ilusória de bem-estar, de tranquilidade.

Poderia imaginar, para trás da cabeceira da cama, a claridade cinza da tardinha, que se coava pela janela. Não havia porém imaginação. Era um pressentimento, uma certeza inconsciente, como se aquela tarde cinza e úmida ali para trás da janela, devesse obrigatoriamente sempre existir e marcar o limite entre a realidade crua e o mundo dos seus fantasmas. Breve — pensou — recommençaria a viver. Não importavam os últimos insucessos. Não se deixaria vencer. A clarineta estava ali. Via a ponta do estôjo negro em cima do guarda-roupa, mostrando-se entre papéis amarelados. Estava ali. Esperava-o, sem dúvida. Instantes da sua vida surgiam e desapareciam.

Por que, na infinidade de momentos diversos que representavam o passado, infinidade que por fim se confundia e transformava numa única extensão linear de tempo, por que determinados fatos e coisas se relevavam, crescendo, agigantando-se e afinal dominando totalmente a memória, repetindo-se e repetindo-se, como se apenas estes fatos e coisas representassem o passado?

O Morro: — enorme transversal cortando de norte a sul a cidade. Retalhava-o uma infinidade de caminhos estreitos e sinuosos. Desde que adocera e tivera por paisagem a desolação daquele quarto, o Morro era lembrança persistente. Surpreendia-se, às vezes,

no seu ponto mais alto, e via lá embaixo desenrolar-se a cidade, com a sua Catedral, as suas ruas antigas, as suas árvores domesticadas e simétricas, o seu pretensioso casario burguês. Via-se, êle próprio, dentro dessa paisagem, em diferentes situações no tempo, aliamentando com esforço a sua ilusão, procurando formar um sentido, como as notas num pentagrama. Ou então:

— Três por quatro!

Era quando, às vezes, neste mesmo quarto, contemplava distraído a Santa Ceia estampada no calendário. Lentamente, como através de névoa, lentamente se delineava o casebre de madeira, à subida do Morro. Como uma aurora lembrada em sonhos, a infância lhe tornava, lentamente. E a sala, como entre névoa. E já agora, como se fôsem reais, lá estavam a mesa, coberta pela toalha bordada; o vaso de flôres artificiais; a oleogravura do Sagrado Coração de Jesus, à parede. O pai:

— Três por quatro!

O pai. Velho sargento reformado, ex-músico de banda. Tôda a frustração de artista se revelando naquela sensibilidade extrema, que explodia em profusão de gestos nervosos e grotescos, ao menor estímulo. Velho baixote e vigoroso, cujos braços grossos e cabeludos bem faziam lembrar a potência dos músculos.

— Isto é valsa, não percebeu ainda? Três por quatro! Assim, olhe!

— Pá, pá, pá! Marcava, estrepitoso, o compasso da valsa, batendo os pés furiosamente no assoalho.

Sentia a cabeça leve. A visão sumiu. Imagens várias e outras esgarçavam-se pela memória, num desfile inconseqüente. Reencontrava-se nos clubes da cidade natal, executando a clarineta. Reencontravam-se entre os amigos, os bons amigos, músicos, os que formavam, em reuniões familiares, os alegres conjuntos. Vozes animadoras, entusiásticas, voltando-lhe à mente. Sons cascadeantes, co-

Conto de SILVEIRA DE SCUSA

Ilustração de HUGO MUND JR.



mo risadas, a invadiram o quarto. Acordes brejeiros e ternos, ferindo os ouvidos, subindo e descendo escalas cromáticas. Sons cheios, elásticos, vibrantes, eram os bons momentos que tornavam. Sentiu, ele sentiu, que simbolizavam a força da vida, a única razão para ele, porque um homem deveria arrastar a vulgaridade dos dias. Elásticos, vibrantes, inundavam-lhe o cérebro, estonteavam-no, como... Todo o quarto parecia rodar, mergulhado na caçca de sons, que o transportavam pelo espaço, além e além, e com ele a esperança, a grande esperança de todos, a sua esperança de que qualquer que fôsse o esforço realizado para a vida, nada seria inútil. A cidade grande.

Estava sentado na cama. Os olhos pregados no calendário empoeirado. Em cima do guarda-roupa, a clarineta. Que fantasma o perseguia? Súbitamente, no silêncio, o quarto exiguo da pensão se lhe representou um túmulo asfixiante. Procuraram as mãos trêmulas o garrafão, com avidez.

Depois, a fuga da cidade natal. E o ridículo no fracasso. Mas, notaria alguém, mesmo no ridículo, o heroísmo dolcioso do homem sobraçando a clarineta? Do frágil instrumento que era, enfim, o meio de realização de alguma coisa? Havia a sede de popularidade, a ambição de um lugar ao sol. Houve a busca das grandes eméscras. Onde porém as amizades, as ligações de importância, que em meio à voragem lhe indicassem o caminho seguro? Onde a força para se impor, a coragem? Encarzunjava-se, como um estúpido.

— Três por quatro, seu estúpido! Assim, olhe!

Não mais o pai, hoje, para ensinar-lhe exatamente as coisas. Um estúpido. Apenas, consigo, a doença, irremediável à falta de recursos.

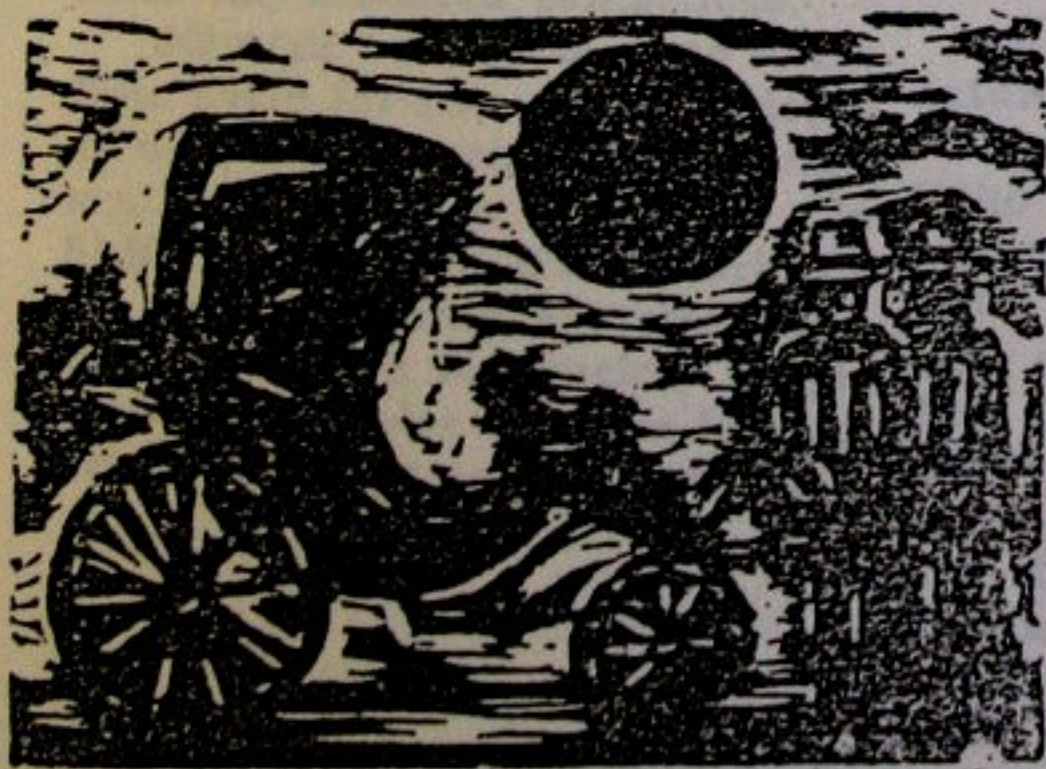
Levantou-se. Era um estúpido. Através da vidraça, em que se debatiam mósca, olhou a rua estreita, lá embaixo. Uma fila de pardieiros marginava as calçadas. Estava no fim. Tudo. Um estranho formigueiro humano caminhava na ruela, apressado, indiferente. Rua tristonha, suja; indiferente ela também. Abriu a janela, ficou a olhar a rua, os pequenos e sórdidos estabelecimentos comerciais que pontilhavam nela. A cabeça girava; estava bêbado. Tossiu, convulso, a mão fechada diante da boca, num gesto habitual. Um estúpido. Toda a multidão era estúpida. Toda a multidão, que psasava lá embaixo, egoísta, odiosa, levantando zumbidos de inseto. Precisavam saber. Estúpidos.

— Estúpidos! Estúpidos!

Ali, a massa de títeres, que caminhava ansiosa na crua realidade da tarde cinzenta. O horrível cuidado, em cada rosto, de inútil solução a problemas mesquinhos. Idiotas.

— Estúpidos! Idiotas!

Multidão, súbito surpreendida, que olhava da rua a figura grotesca, no alto da janela, a lançar-lhe insultos, gesticulando desordenadamente os braços descarnados.





# Faleceu ALBERT CAMUS

A cotação internacional tem subido muito nestes três últimos anos em relação aos jovens. De todo o mundo vêm notícias dos valores que surgem. Na França Félix Gaillard com 38 anos tornou-se presidente do Conselho, onde a idade média é de 47 anos. As Academias de Letras, mormente a francesa, caracterizada pela velhice, hoje contém expoentes das mais variadas idades.

Na pátria de Victor Hugo e Zola, o nome mais famoso hoje em dia é Françoise Sagan, garôta de 20 anos com ampliada fama internacional.

Até os vigaristas se renovam: o último deles, Arsene Lupin, preso outro dia em Paris, tem apenas 30 anos. Passou por diplomata, por representante da França em um congresso de alto valor nos Estados Unidos, por homem de negócios e chegou a ser convidado aos Campos Elíseos onde proferiu um discurso.

E tudo se renova.

Os suecos concederam o prêmio Nobel de Literatura (1957) a Albert Camus, de apenas 44 anos, contrariando a tradição que impunha "Prêmio Nobel só para pessoas com barba suja de pó".

Esta fôra a surpresa de maior intensidade em toda a literatura mundial.

Um ex-jogador de futebol, ex-ator de teatro, ex-tuberculoso e natural da Argélia, qualidades apontadas que revelam uma inferioridade e grande inspiração de angústia.

Um jovem consegue a fama e galga com fidalguia e galhardia a mais elevada envergadura literária, adquirindo a simpatia dos juizes desta tão discutida competição.

Namora a natureza como se ela fôsse parte íntima. Camus, adepto de uma filosofia amarga, singularmente simbolizada em "Mito de Sisife" ou melhor, uma teoria de um homem absurdo, expressa o seu conhecimento e tendências inspiradas nos grandes clássicos latinos. Revela Descartes ao empregar o au-

NICOLAU APOSTOLO

xílio da metafísica simbolizando o sobrenatural. Concebe primeiramente como sendo um conjunto de coisas, os limites do possível, na descreção dos animais humanos. Reflete no bipeço a própria sabedoria da natureza, pois neles a vontade, a inteligência não estão suficientemente separados, para que se estranheem, ao serem-se juntas.

No penúltimo, capítulo da "Tradução Filosófica" do MITO DE SISIFE temos um ligeiro indício da presença do grande escritor italiano Dante Alighieri no seu trabalho: "Os deuses haviam condenado Sisife a rolar incessantemente uma pedra até o cimo de uma montanha, de onde a pedra tornava a cair, por seu próprio peso. Havia pensado, com algum fundamento, que não há castigo mais terrível que o trabalho inútil e sem esperanças..."

Uma certa e ingênua descrição do sétimo inferno de Dante. Uma leve indicação psicológica mas informada na interpretação de espíritos atualizados e rebeldes.

As obras de Albert Camus são perfectas. O expressionismo revela um drama, tanto nas suas peças teatrais, como nos seus romances e novelas. Neste que focalizamos, Sisife, foi duramente castigado e condenado pelo capricho do destino.

Camus, o eterno namorado da natureza, teve uma vida comum. Nasceu na Argélia no ano de 1913. Filho de pobres artesãos, desde criança dedicou-se ao trabalho. Não houve propriamente juventude, além de leituras, estudos e trabalhos. Lutava para viver e progredir. Seus primeiros contactos intelectuais e teatrais deram-se na Faculdade de Letras de Alger. Destacou-se pela sua capacidade, principalmente pela fácil apreensão da matéria. Moço e estudioso em pouco tempo tornou-se conhecido em todo o colégio, pelo seu espírito calmo, mas revolucionário. Foi em 1937 que Albert Camus publicou seu primeiro ensaio, pago por ele mesmo, intitulado "O avesso vale o direito".

Em 1938 dedicou-se a escrever nos jornais. Colaborara frequentemente com seus ensaios, seus contos e crônicas.

Grande admirador do teatro em Alger, animou uma turma à progredirem num grupo teatral "A Equipe". Surtiu efeito. Apresentaram e agradaram. Durante a guerra não esmoreceu. A ocupação encontrou-o como resistência. Seu arauto "O Combate" foi uma força inegável aos argelinos. Na libertação era o editorialista do jornal "Combate". Escreveu "Núpcias" (seleção de ensaios), "O Estrangeiro", "O Mito de Sisife", "Ensaio sobre o Absurdo". Este último completamente disforme das letras neste século. Descreve com maestria o desequilíbrio da Humanidade. Ensaio de grandes valores, o ofereceram-lhe críticas favoráveis por todo o mundo.

Dois anos depois publicou um grande livro, "A PESTE", que lhe proporcionou o "Prêmio dos Críticos" colocando-o na primeira linha de letras contemporâneas. Um grande livro cheio de sutilezas amargas e de maravilhas esplendorosas num tempestuoso estilo literário "A PESTE" retrata um drama cheio de angústias e de desprezos. Recolhe-se ao máximo para expandir-se na atmosfera sólida do século atual.

No dia 4 de janeiro deste ano de 1960, Albert Camus trágicamente falece num desastre automobilístico a 100 quilômetros ao sul de Paris.

O acidente recorda outro ocorrido em 1956, no qual quase morreu a mais difundida francesa de após guerra Françoise Sagan. A diferença foi que Camus não ia no volante do seu carro.

Foi um fim dramático para o jovem escritor, considerado o cabeça e intérprete da filosofia do inquieto grupo existencialista da França.



# Coleção Prosa e Poesia



GUILHERME DE ALMEIDA



CASSIANO RICARDO



MENOTTI DEL PICCHIA

A coleção "Prosa e Poesia" é, antes de mais nada, uma contribuição da RGE para o patrimônio cultural de nossa terra. Seus discos, visam popularizar a mensagem de nossos maiores poetas através das melhores vozes do teatro, do cinema, do rádio e da televisão do Brasil.

A coleção "Prosa e Poesia", sob a direção do poeta Paulo Bomfim, acaba de lançar seus quatro primeiros "Long-Plays".

O primeiro contém poemas de Menotti del Picchia e de Cassiano Ricardo, ditos pelos próprios autores; o segundo pertence a Guilherme de Almeida e a Paulo Bomfim que declamam suas mais significativas poesias, o terceiro é de Castro Alves (dito por Felipe Wagner) e de Alvares de Azevedo (interpretado por Sergio Cardoso); e o quarto "Long-Play" contém versos de Catullo da Paixão Cearense (ditos por Lima Duarte) e poemas de Nhô Bento, declamados pelo autor.

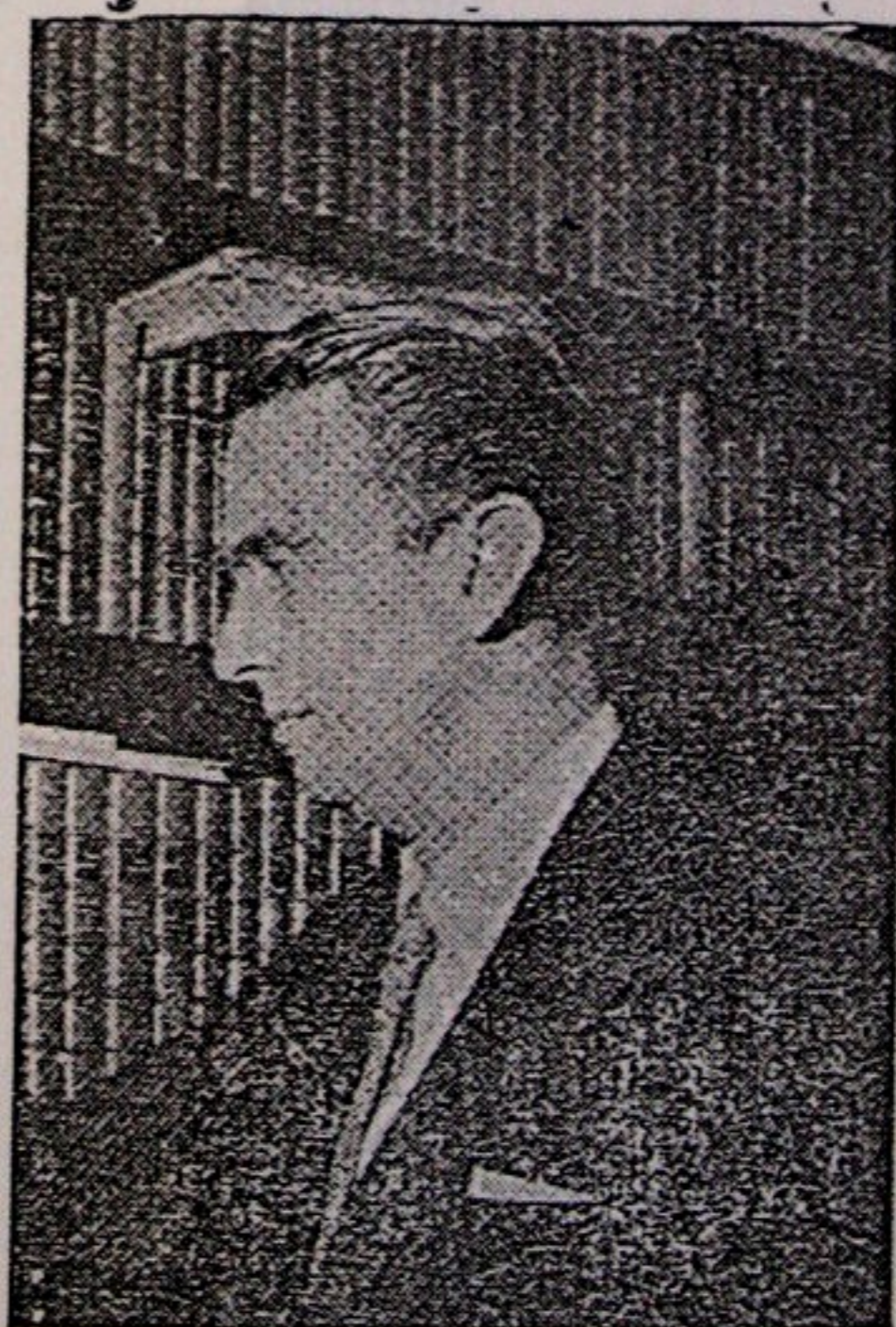
As contra capas desses discos foram escritas por Homero Silveira, Heraldó Barbuy, Lygia Fagundes

Telles e Maurício Loureiro Gama.

José Scatena tem a certeza de que estes quatro primeiros lançamentos da nova série da RGE, serão o ponto de partida para inúmeras outras gravações desse feito. Através desses discos, a RGE fará uma coleção completa dos poetas mais representativos de nossa literatura.

Fagundes Varela, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias, Junqueira Freire, Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia, Vicente de Carvalho, Alphonsus de Guimarães, Cruz e Souza, Augusto dos Anjos, Raul de Leoni, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Jorge de Lima e diversos poetas vivos terão suas mensagens gravadas na coleção "Prosa e Poesia".

Acreditamos que essa iniciativa da RGE receba, por parte de críticos e do público, uma acolhida e um apoio que justifiquem e estimulem a continuação desse propósito que é o de divulgar através da palavra falada, as páginas mais belas de nossa literatura.



PAULO BOMFIM



---

---

# VIDA SALOBRA

---

---

MANCIO DA COSTA

Devolvo-lhe, nobre amigo Tito Carvalho, as cento e citenta e seis fôlhas dactilografadas de seu romance já premiado, mas ainda inédito "Vida Salobra", cuja leitura me deixou profunda impressão estética, e mais reviveu quase delidas reminiscências de dias idos e vividos da minha já distante mocidade, no seio gasalho-so da boa gente de São Joaquim da Costa da Serra.

Foi neste pedaço feracíssimo da gleba santacatarinense, ora revoltu e agreste de serranias abruptas e hostis ao chouto das alimárias, ora crêspo de coxilhas suaves e relvasas, tole êle polvilhado de neve no inverno, e úmido e luminoso no verão, onde, aí por 1911 a 1912, recuperei minha saúde então seriamente abalada.

E deixei, gostosamente lhe dou notícia, algumas amizades de primor das quais sobrevivem duas: Adolfo Martins e Martinho Brasil.

As demais se tornaram saudades em minha memória, porque resvalaram no silêncio do túmulo.

Dentre estas últimas, ocorrem-me os dois irmãos Amarante, Polidoro Paulino dos Santos, Bento Cavalheiro do Amaral, Gil Brasil, Taurino, Paula Velho, Flósculo Carvalho, Fonseca Nunes, Cantisani e Cascais.

Este último viria a ser muito mais tarde seu sogro.

Havia mais uma outra, que talvez ainda exista lá por Nápoles, da Itália, sua pátria nativa.

Era o psiquiatra Antonino Pais, ao tempo cronista de arte do "Corriere della Sera", de Roma e filho do sábio Emanuel Pais, professor de assiriologia, da Universidade de Nápoles.

Naquela "mesinha", ao fundo da farmácia de nosso saudoso e comum amigo Gil Brasil, em que "seu Narciso espatulava unguentos e enrolava pilulas", como se descreve em seu romance, eu e Antonino Pais, afastando de cima

da mesma a espátula, o piluleiro e a placa de mármore, fazíamos vivisseções e disseções "in anima vili".

Agora, na tessitura dêste romance magnífico (e logo lhe direi o porquê), me relembra Você as mais esplendorosas paisagens campestinas, que meus olhos de míope já viram em longes terras de nosso Estado, deixando-me perceber, entre saudoso e maravilhado, nas personagens protagonistas da fábrica romanesca, os hábitos, os usos, os costumes e os falares das excelentes criaturas com quem convivi, conversei e por vezes testilhei benignamente, naquele longínquo rincão banhado de intensa luminosidade solar e rico da alegria comunicativa de sua gente feliz.

São Joaquim da Costa da Serra, ou São Joaquim tão somente, não esqueço áqueles que lá viveram ou passaram.

Nunca observei em outra parte por onde me levasse o destino vário, tanta luz no céu.

Só na arte pictórica flamenga há o símile genial daquela estranha luminosidade: é em Rembrandt.

E as noites sanjoaquinenses?

Estas, Você bem as conhece e daí o relatar: "E à noite, lá vinha a lua subindo do respaldo da cordilheira, redonda e alva como coalho, feita égua madrinha, a arrastar pelo frio espaço a tropilha de estrêlas, que aumentava, pondo-se em piscadelas doidas, como um bandão de vagalumes cravados no fôrro do mundo."

São nitidamente assim.

Quantas vêzes a respirar a plenos pulmões o frio ar ozonado da noite e a ouvir o marulho da água escassa do rio São Mateus, por entre os seixos rolados do leito, ficava eu a olhar e a ler o céu rútilo de estrêlas.

Lá estavam tôdas elas, as minhas eternas conhecidas, amigas da solidão imensa, com um brilho lavado, penetrante e novo.



Contava-as e recontava-as, avidamente como velho avarento as suas moedas luzidias de ouro desparzidas...

Ao prazo dado da noite não faltava uma sequer.

Como as noites, são também belos e inesquecíveis alguns recantos desta terra serrana.

Em alguns lugares a grandiosidade da natureza é tamanha que espanta e intimida; em outros, a delicadeza da florescência dos vegetais, a fragilidade dos insetos multicores e a água límpida a gotejar das fendas das rochas convidam a meditação panteística do meio circundante.

Subindo a estrada íngreme do rio do Rasto, que Polidoro Santiago traçou cientificamente, deparam-se o Cubículo e o morro Pelado, cyclopes de pedra vigilantes; à boca diante dos itambés profundos; e o "ponto Júlio Dhern", este a mil e seiscientos metros de altitude, na Serra Geral, de onde se vêem ao Sul o piscar do farol de Santa Marta, e ao Norte a várzea do Itajaí esbatida na bruma do litoral, como uma paisagem impressionista à Manet.

Depois é Bom Jardim.

Mas por que Bom Jardim?

Ve-lo nas manhãs estivais, cheias de sol, com os seus campos floridos como o amarelo ouro das macelas e dos dentes de cão, o azul imáculo das centáurcas e das escovinhas e o roxo triste das papoulas e carrapichos, pontilhando de vários matizes o tapete esmeraldino das gramineas, é dar razão e louvar o primeiro que lhe pôs tal nome.

Contudo, o pinheiro, a araucaria angustifolia dos botânicos, é a nota fundamental desta harmonia de cores.

Bom, ótimo é êle na salubridade do solo enxuto, na temperatura constante, fria e sêca de seus ares, àquela altitude.

E à noite, ao soprar de uma brisa ligeira,

sob o leque dos pinheiros, passa silenciosa e fosforescente a ronda dos pirilampos.

Palmas, Bom Sucesso, Socorro, Cadete, Pericó, Mantiqueira, Fazenda têm a mesma fácies fisiográfica.

Somente Urubici a loirejar nas menses dos trigais e Santa Bárbara a refratar a luz do sol em seus cristais azuis criando tonalidades novas na sinfonia polifônica da paisagem.

Mas, contrastando com a suavidade deste céu, a peculiar bondade da gente serrana e a paz quase paradisíaca de seus campos verdejantes está a tragédia da gênese de seu solo, no espaço e no tempo.

São Joaquim é um palimpsesto de pedra raro e desmedido.

As forças telúricas desapoderados golfam do núcleo central da terra os arenitos friáveis, os diques de diabase e o lençol espesso de basalto, sotopondo o vermelho da rocha sedimentar ao negro sem brilho da rocha eruptiva.

Lastrando a esmo o solo tumultuário, os geodes ocios de ágata consemelhando as pedras assinaladoras de um Pequeno Polegar bizarro, inculcam a origem litológica, insinuam períodos milenários e determinam sistemas geológicos.

Devassaram-lhe com bom êxito os herizentes tectônicos os Branner, Hartt, White, Orville Derby, Agassiz, Clarke e Woodworth.

E coube, se me não equivooco, a Gonzaga de Campos e a von Ihering definir e classificar as "naturezas mortas" fossilíferas, à nascente do rio do Rasto.

São Joaquim é um dos três maiores derrames de basalto do mundo.

Em tempos recuados que a história de nosso planeta não conta, entre os períodos Permiano e Triássico, São Joaquim, ou antes a América Meridional estava unida à África do Sul e à Índia distante.

Fôra o continente Gondwana de Suess.



E hoje as semelhanças estratigráfica, litológica e fossilífera confirmam-no.

Até aqui São Joaquim.

Agora, direi algo acerca desta produção literária que é seu romance.

Se a arte não é senão o ato de pôr em relevo o pensamento obscuro da natureza, como a definira em seu "Diário Íntimo" o solitário poeta genebrês, Você realizou com rara felicidade uma obra artística de profundas vivências rurais, talvez a melhor que já se tenha escrito no Brasil, nêstes últimos tempos.

Situando os amores de Dêga e Angelino em São Joaquim na época em que os fazendeiros estavam a lutar brava e inútilmente contra a febre aftosa nos rebanhos e a inflação dos títulos de crédito na balança comercial, a fabulação do romance encontra no meio ambiente o clima social e político para seu completo desenvolvimento, com virtude dos desajustamentos econômicos por êles produzidos.

Cópia fiel da natureza, tudo é realidade flagrante em seu romance, desde aquêlê pessegueiro, cujos "ramos se agitavam lentamente em sereno gosto de aprovação" ao exarante introspectivo de consciência de "siá" Nêga, que "foi caminhando dentro do passado, apreciando as próprias chagas, remexendo coisas adormecidas", até as "dramatis personae", corpo e alma da intriga singela do entrocho.

O fazendeiro Florêncio, o capataz Laurindo, José Teodoro Padilha, Lica Rabêlo, coronel Taurino, Tivi, Juventino Cachoeira, Nêga, a mezinheira Fausta, Nêga, e Dorvalina, todos, afinal, viveram, sonharam, amaram e sfereram cada qual como pôde, ou lhe determinou o destino, às ribas do São Mateus, do Baú, do Pelotas, do Mantiqueira, do Rufino, ou do Lavatudo.

Seus nomes apesar do disfarce anagramático são quase os próprios.

Diariamente, eu via-os na farmácia Brasil, no interior da igreja, onde os passarinhos cantavam acompanhando-se das notas dolentes do harmônio, durante o officio da missa; nas salas do clube Astréia, no cartô.

rio de Flósculo de Carvalho e no hotel do capitão Polidoro,

"Vida Salobra", nêste particular, lembra-me o Canaan, de Graça Aranha (se já não ano recordasse na descrição da queimada da mata), no qual se estereotipam os trabalhos da colonização de Cachoeiro do Itapemirim, do Espírito Santo.

Carece de personagens fictícias êste seu romance, meu nobre amigo.

Tudo existiu, ou existe ainda.

E, com efeito, a recopilação da vida pastoril difícil daquela época de crise econômica, em que "seu" Florêncio "caminhava por novos rumos, mudando a vida salobra que arrastava para os escuros imprevistos".

Mas, a dentro destas vicissitudes, desta instabilidade das coisas, como um estímulo aguilhoante, ou catalisador milagroso, emerge Silvano, o peão transviado dos campos de criação, o egresso das paradas de rodeios e invernadas e dos namoricos fáceis ao pé das taipas, para o sonho da prata, tesouro ignoto, criado e acariciado por longos anos de silêncio, no recheiro dos irmãos Arzãos.

Silvano é bem o irmão dos singulares "gaúchos" Santos Vega, Martín Fierro e Don Segundo Sombra, porém, mais compreensível, mais humano e muito mais idealista que os seus êmulos da pampa argentina.

A renúncia a vida afanosa de campeiro com a troca do ginete árdego pelo alvião, longe de lhe tirar o aprumo sobranceiro e o destemor com que afrontava dantes os entreveros dos rebanhos e os estoires das boiadas, fê-lo o pesquisador infatigável, forte e tenaz da prata oculta, lá nos contrafortes da serra de Santa Bárbara.

No ardor da pesquisa, não no tange somente a ambição própria.

O seu ideal visa mais alto.

Por que só para êle a prata da terra boa e generosa?



O desejo de possuí-la desconhece o egoísmo e o ideal que o anima ultrapassa as contingências do cotidiano.

Não é sem alguma razão, que ele afirma: "Prá quem andamos esfregando a focinheira nesse lameiro?" "Prá felicidade dos outros, que é onde tá a nossa própria felicidade".

Debalde a idade avançada lhe faz sentir a carência de forças físicas e as mãos descarnadas, empergaminhadas se lhe enregelam de frio.

Cavar, cavar, sempre cavar.

Ele não pára e não descansa.

E se o desfalecimento por vezes vem surpreendê-lo, espanca-o com o lidar mais intenso e rápido do alvião.

Ao espírito conturbado, assalta sempre o receio de deixar descontinuada a tarefa e adiado o descobrimento do tesouro cobiçado.

Sim: "carecia daquele sangue novo para não deixar morrer a perseguição ao tesouro, um sonho para que não achava herdeiros".

Quem o substituiria?

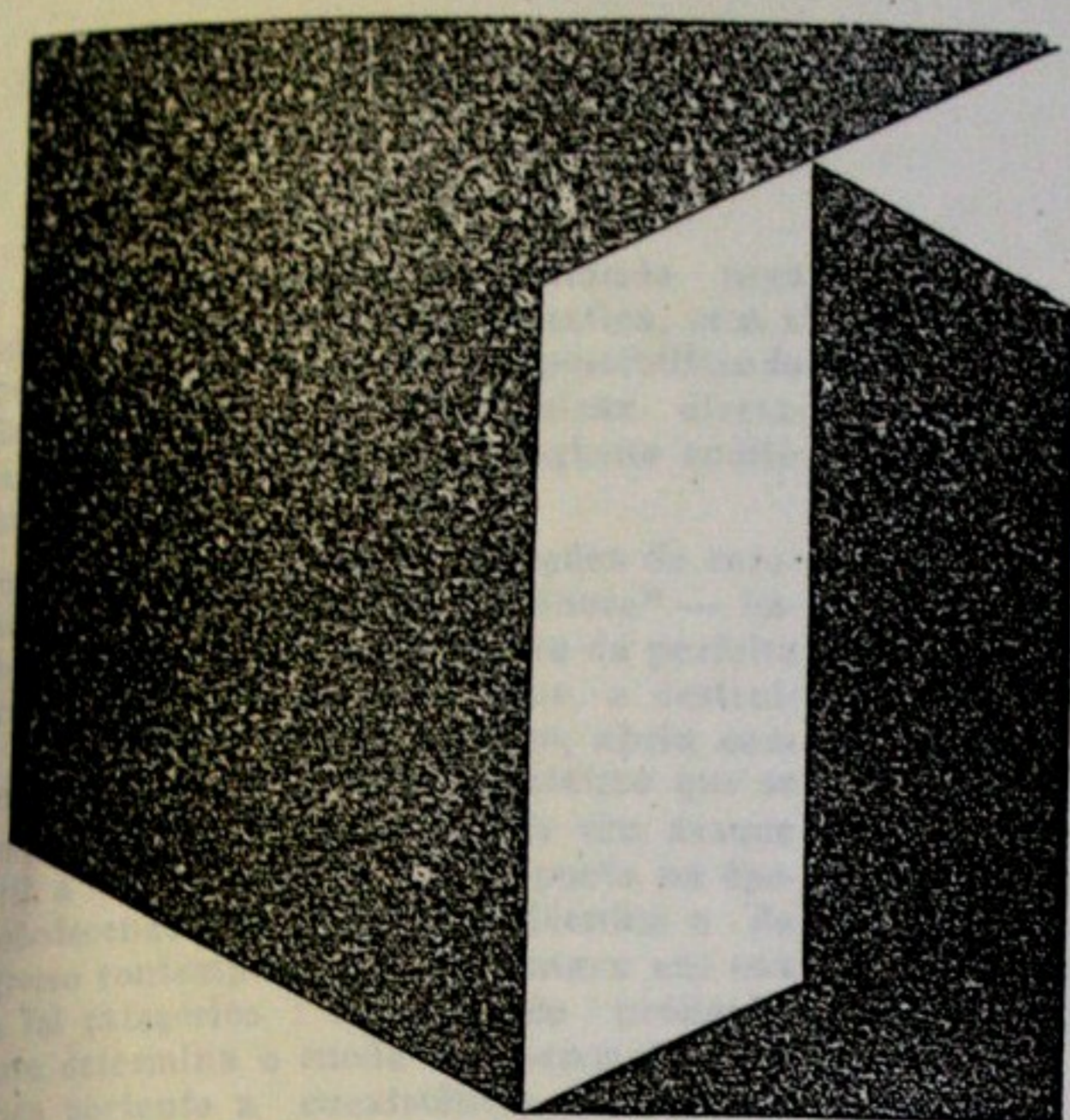
E para logo "pôs-se a negacear o momento de convidar Angelino à partilha das suas esperanças, da sua mansa loucura, tão cheia de privações mas, evidentemente, de tão feiticeira beleza".

A morte arrebatou-o em plena faina.

Angelino, o trãnsfuga, herda-lhe o ideal irrealizado, e caminhando a dentro da alucinação do Tivi, encontra afinal o tesouro almejado.

Finalmente, dobados os anos, Silvano como um símbolo redivivo, naquele píncaro da Serra de Santa Bárbara, a mil e oitocentos e oitenta e nove metros de altitude, por entre as cintilações cristalinas, há de contemplar embevecido o desenvolvimento da terra que tanto palmilhou, da terra que tanto amou.





GCEBEL WEYNE  
estrutural, pintura

cigarro  
 sarro  
 cigarr  
 sarro  
 cigar  
 sarro  
 ciga  
 sarro  
 cig  
 sarro  
 ci  
 sarro  
 c  
 sarro  
 cinza

horácio dídimo

arte

concreta

+

reação

eusélio oliveira

obscurecer a crise em que se debate a caduca estrutura sintático discursiva da poesia, é aceitar por comodismo o acervo de soluções gastas e insuficientes. as opiniões lançadas por autodidatas e profissionais do verso, incensados por louvações de uma crítica complacente e astigmática, se voltam contra o movimento concreto, através de argumentações falsas e declarações pomposas, que pecam pela precipitação conceitual e pela intolerância. se tentarmos mostrar em linhas gerais, as contribuições positivas, dos "imortais" no campo da forma-conteúdo, só encontraremos o rebôco imperfeito das fórmulas criundas do movimento de 22, que deu origem infelizmente a um novo academismo. a arte concreta produto inegável de uma evolução de formas, veio aclinar e difundir uma valorização essencial à palavra, vítima do monopólio metafórico. o símbolo verbal, antes ambíguo, amorfo, neutro e agregado ao corpo morto da composição, foi gradativamente emancipado das alusões messiânicas e dos cabalismos imagéticos, naturais redutores do potencial comunicativo. reconhecemos todavia, que o confucionismo alimentado pela reação anti-concreta, encontra terreno fácil, vulnerabilidade em suas manifestações, em face de certos aventureiros incautos, autores de sub-produção comprometedoras. continuando a análise da poesia sintáticolinear, ressaltamos a superação resultante da rotina-ranço, sobretudo pela inflação quantitativa, ruminada e exportada em massa dos gabinetes para os suplementos literários, lançando-a assim a um plano marginal insustentável. com a I exposição de arte concreta, realizada nos salões do museu de arte moderna de são paulo, a atmosfera viciosa, foi arejada dos detritos personalísimos, das lamúrias bolorentas, dos suspiros e queixumes improdutivos e fósseis, vitalizando-a através de pesquisas mais amplas. o elemento plástico-espacial, o critério de relação e semelhança, eliminaram os últimos resquícios de associação lógica, autêntica cortina de palavras, graças a interferência intelectual pura i unidirecional. enfocamento. o processo da fase fisiognômica ultrapassada, deu origem a composição matemática, alctrópica e plurivalente, dilatando o campo do poeta, no trabalho de agrupar o potencial palavra, não co-



MOVIMENTO DE ARTE CONCRETA DO CEARÁ

mo instrumental onírico, mas criando uma poesia exata e sintético-ideogramática, sem a dispersiva carga simbólica, possibilitando assim o produto concreto comunicar diretamente, sem as premissas do silogismo codificador.

"a cultura necessita dessas injeções de coramina: seu coração também envelhece" — Haroldo Campos — axiosa intérprete da perfeita extensão histórica do concretismo. a destruição do arcabouço formal atrofico, abriu considerações sobre um problema estético que se superpõe às baterias vitalinas de um ataque estéril. a nova diretriz integra o poeta na época, obedecendo aos ditames da técnica e do progresso contemporâneos. karl marx em sua obra foi categórico: "o modo de produção sempre determina o modo de pensar". não implica portanto a coexistência da poesia agonizante tradicional com a arte concreta: tese e antítese. a gravidade (palavra-tempo-espaco) e a tensão na plataforma poemática se deslocam em 3 dimensões, ampliando o ângulo de uma nova linguagem não desvinculada do contexto idiomático, mas anuladora do vulgar palavra-puxa-palavra. montagem. poemas como "só" de antônio girão barroso — "máquina" de alcides pinto — "cigarro" de horácio didímo — "veia" de pedro henrique saraiva leão e "amortalha" de eudes oliveira, atestam que a poesia concreta não está subjugada a leis inutáveis, sua existência não se estratifica. avança. novas soluções provocam reajustamentos e o concretismo não poderia fugir a essa regra vital e determinista. caminhamos para o sintetismo da linguagem, inunes das transitórias opiniões manifestas por defeitos de percepção e sensibilidade artística. ou aceitamos tacitamente a decadência da poesia ou lutamos pela sua sobrevivência, adaptando-a no tempo e no espaço. impossível mantermos as matrizes deterioradas de uma arte, a p e n a s pelo comodismo de sacrificar posições, em detrimento de postulados renovadores. a arte concreta a p a r e n t e m e n t e extravagante, quebrou a barreira de preconceitos formais, dando uma valiosa contribuição que se reflete nos destinos da literatura nacional.

comunicar estruturas claras com o máximo de objetividade, eis o fundamento da arte concreta. passar na sua monumental obra — "antropologia filosófica pg 201 é textual:" em cada ato verbal e em toda criação artística encontramos uma estrutura telcológica definida". ser poeta, não é lutar sectariamente na defesa de uma permanência estática, na defesa de normas pré manipuladas, mas ultrapassar os limites do conhecimento, devassando as fronteiras estéticas, em busca de novas soluções. arte dinâmica. despi-la de sua finalidade é retroceder.

f l o r

e i r a

f l o r

s o l

f l o r

g e r a

a ç ã o

f l o r

g i r a

s o l

eusélio oliveira

**p r e t o**

**b r a n c o**

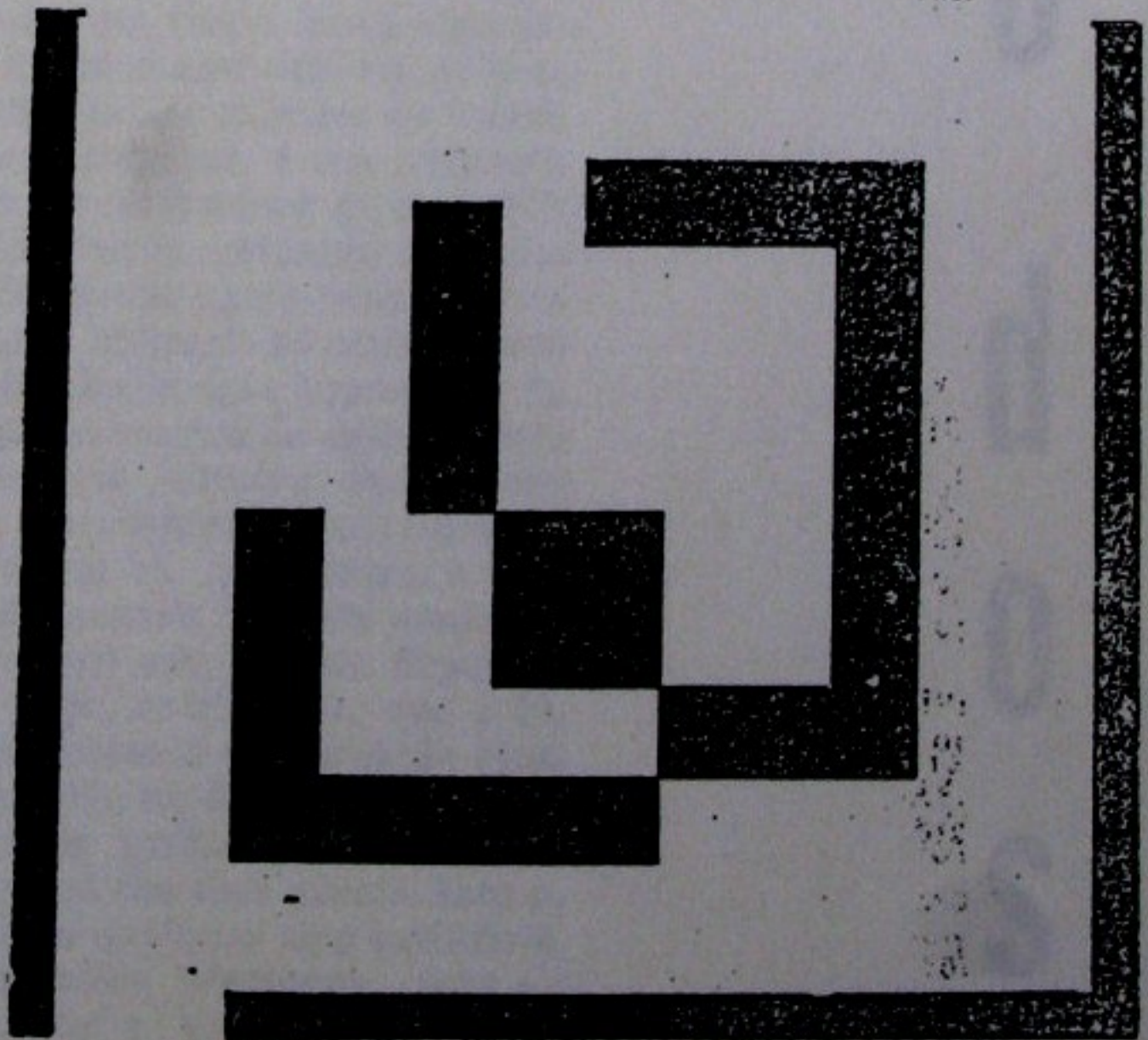
**p r e t o**

**b r a n c o**

**p r e t o**

**b r a n c o**

pedro henrique saraiva leão



J. FIGUEIREDO  
produto concreto



"Prevejo uma época em que aboliremos o alfabeto latino e voltaremos a coisa parecida com hieróglifos egípcios, a fim de satisfazer uma geração de leitores que não sabe visualizar uma idéia sem ver uma figura", afirmou, certa feita, o Rev. E. Garfield, de Londres.

A alusão serve-nos de motivo inicial, introdutório a algumas observações de caráter mais pronunciadamente indagativo. Acreditamos, primeiramente, que a importância e complexidade que encerram as "histórias em quadrinhos" mereçam estudos penetrantes que nos permitam fugir de conceitos puramente teóricos para o terreno das aplicações. Exceção se desconhecemos, outras, a única obra, que se tornou difundida e que se preocupou seriamente com prováveis repercussões do fato em referência, é a do Dr. Frederic Wertham, famoso psicanalista nova-iorquino, intitulada, em versão portuguesa, "Sedução dos Inocentes". Entretanto, mesmo que tenhamos de reconhecer a honestidade que guiou os trabalhos de exaustiva pesquisa levada a cabo por aquele estudioso, suas afirmações extravasam cunho demasiadamente categórico quando, não muito dificilmente, se poderá colocar muitas afirmações como perfeitamente inexatas, à luz de interpretações mais profundas. O problema central por ele cuidado refere-se as questões da delinqüência infanto-juvenil, procurando demonstrar as relações que guardam entre tais comportamentos de agressividade anormal com influências exercidas pelas leituras de "comic-books" e "histórias em quadrinhos". Chega mesmo a assegurar, após evidências por ele encontradas e analisadas; que, "delitos cometidos por crianças e contra crianças totalmente desconhecidos em juizados de menores numa geração atrás, se devem exclusivamente à leitura de "histórias em quadrinhos" e "comic books". Esta ênfase, em se atribuir a um elemento cultural um fator causativo no complexo comportamento humano, suscitou muitas controvérsias entre educadores, pedagogos e psicólogos. De modo geral não se aceitaram integralmente as idéias lançadas por Wertham, porquanto, já de início, fica pouco esclarecido o fato das possíveis tendências dos casos humanos analisados que revelaram em condutas anormais. Ai, quando muito, poder-se-ia admitir que as influências das leituras, compreendidas por certas mensagens — estímulos, aceleraram um tipo de comportamento potencialmente existente. É sabido, por uma lei psicológica da conduta, que "estímulos exteriores não provocam reações interiores, simplesmente despertam ações interiormente existentes", de modo que a mensuração da influência nos parece além da possibilidade. A segunda afirmação que Wertham emite, também possui um ponto frágil, que reside na impraticabilidade de se positivar objetivamente a reduzida frequência de delinquentes infanto-juvenis em gerações anteriores. A escassez de dados, e, digamos, o mais acentado abandono de preocupações em se analisar psicanaliticamente infantes e adolescentes, em tempos recuados, não nos permite conclusões a respeito. Ainda hoje, para tomarmos outro exemplo, apesar de tantas revelações sugestivas, os psicólogos e psiquiatras não se encontram muito seguros para admitir que a incidência de psicopatas tenha apresentado um ritmo mais vigoroso na sociedade moderna. Evidentemente, há muito maior número de neuróticos nos dias atuais, mas há também muito maior número de indivíduos sãos. A proporção dos insanos, em outras épocas, é um problema que praticamente não pode ser solucionado. Os fenômenos de desequilíbrios mentais, agora melhor estudados pelo acervo crescente de vários ramos de conhecimento, sobre a natureza humana; agora mais libertos de tabus que ocultavam os casos, estão muito longe de se constituírem num apanágio da época atual. Similar circunstância deve ocorrer em relação à infância e à adolescência, mesmo que exemplos de delinqüência não tenham sido documentados e arquivados em juizados de menores. Não se pode negar, todavia, que os atritos, mais pressionadores nas sociedades modernas, sejam fatores que agravam os problemas, e que, por outro lado, fenômenos de distúrbios psicossociais tenham assumido formas diferentes, mais enquadrados nos momentos hodiernos. Negando-se alguns postulados de Wertham, não se nega, entretanto, que a intervenção de diversificados fatores atuem no processo de formação ajustada dos indivíduos infantes e adolescentes. Não há educador ou psicólogo que não esteja um tanto alarmado com os problemas desencadeados pela turbilhonante atmosfera cultural-social dos dias atuais. Esta aceitação, porém, não pode ser confundida com qualquer tipo exclusivista de determinismo estimulante, como pretendeu Wertham, para alguns casos, atribuir às "histórias em quadrinhos" e "comic books". Com,

A  
I  
N  
V  
A  
S  
S  
O  
D  
O  
S



# Q u a d r i n h o s

preenderíamos então que, mesmo assim, devido à penetração e significado que tais leituras possuem para a infância e adolescência, elas merecem ponderações mais esclarecedoras. Seus efeitos, com prováveis na formação das concepções das crianças e dos jovens, com explicações resultantes no comportamento social dos mesmos, podem ser mais nítidas e tranquilizadoras. Encontramo-nos diante de um problema realmente tentador, altamente importante, e inexpressivamente explicado.

Até aqui temos considerado as histórias em quadrinhos como espécie de veículo contaminador da vida social e cultural. Implicamos com isto aquelas que podem, indiscutivelmente, ser enquadradas como de conteúdo perigoso. Pecaríamos profundamente se insistíssemos numa generalização. Antes seria preciso que efetuássemos uma classificação dos tipos de histórias em quadrinhos, cuja diversidade de roupagem e de elementos ideológicos que carregam nos levaria a extensa lista qualificativa. De início perguntaríamos: Quais as malélicas?, e depois: Quais as benéficas? E, muito discordaríamos todos que se propusessem a tal categorização. Uma outra se incluiria no tipo de leituras sem efeito, de leitura inocente, de impossível impregnação no processo de acúmulo de experiências intelectualizadas e vertidas em comportamento exterior. Ainda mais, quaisquer julgamentos estariam passíveis de alterações. Exemplificando: as histórias e filmes de terror, condenados por muitos críticos educacionais, são considerados por alguns psicanalistas como possuidores de funções benéficas. Admitem estes que, inconscientes necessidades de superação de traumas ou imagens remontantes a situações de medo, recalçadas em períodos anteriores, principalmente na infância, impelem muitos cidadãos adultos a se colocarem diante de situações associativas. E, nessa luta muitos conseguem "reabilitações" ou superação de problemas que os atormentavam subconscientemente. Histórias em quadrinhos cujo conteúdo é marcado por situações pueris e ricas, transportadoras do universo da infância, são mensuradas por outros como prejudiciais ao desenvolvimento da maturidade emocional e contendoras do processo de autosuficiência, em contraste com a opinião de outros que asseveram salutaras por estimularem transferências de situações irrealizadas em momentos já passados, de modo que assim vieriam a substituir certos vazios das satisfações da vida psíquica.

Deduz-se que, conseqüentemente, as histórias em quadrinhos, mesmo considerando-se os indivíduos adultos como leitores, oferecem amplo campo de sondagem psicoanalítica.

E, pode-se mesmo ir além dessas considerações, quando vemos a admissão de obras literárias em semelhante leitura. Nós mesmo já puemos a questão em aprêço, quando analisamos a história de All Capp "L' Ill Ab'ner Yckum", em artigo publicado no jornal florianopolitano, "O Estado". De passagem, essa história que satiriza a sociedade americana moderna e a confronta com sobrevivências culturais, estilizadas pelo autor, do mundo rural, será brevemente lançada como película cinematográfica, o que, de certo modo, confirma a validade da força de expressão de All Capp, apontado por Steinbeck, como "o maior escritor moderno".

Outro aspecto importante, ligado ao que temos exposto, prende-se às explicações do mecanismo de aderência a tais leituras. Se elas penetram tão fortemente no mundo da criança, pergunta-se por que razões se estabelece esse contato? Elas representam valores que se incorporam ao exigente mundo infantil, não se pode contestar. Preenchem reclamações da vida mental de indivíduos em desenvolvimento que, no caso, a elas se agarram por impulsos naturais de realização psicológica ou elas representam compensações suscitadas pela ausência de uma vida familiar e social insuficientes? A aceitação dessas leituras decorre de uma necessidade que surge à criança para se situar num mundo por ela um tanto estranho? Funcionam como mecanismo de aproximação entre a fantasia e o real, porquanto elas retratam, antes de mais nada, um mundo de adultos? Ou, em caso contrário, reforçam a tendência de alienação, pressionando a fuga às realidades e impelindo a criança a desconcertantes ilusões prolongadas? Retardam ou aceleram o processo de integração da personalidade com o ambiente social e cultural real?

Não cremos que as respostas sejam fáceis e, principalmente, conclusivas, não apenas pelo intrincado, contido no próprio fato, mas devido também a diferentes reações tomadas por diferentes linhas de in-

(Continua na Pág. 28)



# UMA SOCIEDADE DE "NOVOS" NA VELHA DESTERRO

WALTER  
PIAZZA

Há noventa anos atrás...

A provinciana cidade de Nossa Senhora do Desterro, capital de Santa Catarina, regorgitava de tropas, vivia sob o noticiário constante das operações militares que os soldados patricios realizavam nas terras paraguaias e o mundo desterrense enfrentava uma atmosfera de pura marcialidade.

A juventude da época — como em tôdas as épocas! — não se afastou dos velhos princípios de aplauso às atitudes heróicas, de adoção das boas e nobres causas de libertação ou de reação, ou de constante participação nos chamados atos nobres.

Assim não foram poucos aquêles que, voluntariamente, se apresentaram para engrossar o Exército Brasileiro, no campo da luta.

Os que, por qualquer razão, não puderam ir "aos campos da glória e da honra", contentavam-se em manifestações de solidariedade da mais variada espécie...

Foi, dentro desse clima guerreiro, febricitante, que a Sociedade Desterrense acordou a 19 de dezembro de 1869.

Um punhado de jovens, tendo à frente Silvio Pellico de Freitas Noronha organizou uma Associação Literária, a quem batizaram de "AMOR ÀS LETRAS" e, naquele dia, instalou-se, com esta Diretoria: Presidente — Pedro José Leite Júnior, Vice-Presidente — Antônio José Machado de Moraes Carmona, 1º Secretário — Henrique Carlos Watson, 2º Secretário — José Ramos da Silva Júnior, Procurador — Polidoro Olavo de Santhiago, Tesoureiro — Francisco Paulino da Costa Albuquerque, e, Corretor — Silvio Pellico de Freitas Noronha.

A 15 de janeiro de 1870 deram início às suas atividades. Nesse dia realizaram uma "Sessão fúnebre pelo 5º aniversário da morte de Silvério Nunes de Farias", ocasião em que um dos "confrades", escondido sob o pseudônimo de "Catharino" (que a Imprensa da época não desvendou), disse esta poesia:

"Um lustro faz que a Morte zombadora  
Co'a lança em riste fulminou, sorrindo,  
Cândido Cysno que no oceano infindo  
Altivo erguia a fronte sonhadora!

Um lustro faz que essa alma pensadora,  
Cheia de crenças n'um futuro lindo,  
Ao fero golpe embalde resistindo,  
Volveo à campa do existir na aurora!

Silvério Nunes, o maneco ardente  
Que as Letras Bellas consagram seus dias  
Ora repousa no sepulcro algente!

Mas do seu divo canto as harmonias  
Nos nossos corações, eternamente,  
O nome gravão do imortal FARIAS!!!

Assim, aquêles amantes das Belas Letras reverenciaram um dos esóritos da sua terra, um dos poetas da sua gente...

E, mal passado um mês, reunem-se, novamente: a 13 de fevereiro, às 17 horas.

Dois dias após, a Associação "Amor às Le-



tras", num gesto de incentivo patriótico, aproveitando o desembarque de tropas vindas dos campos de luta paraguaios, e eram os contingentes do 40º de Voluntários da Pátria, do 53º e do 17º Batalhão de Voluntários, ofertou-lhes uma linda coroa de louros, conforme foi registrado por um cronista, ocasião em que Francisco Paulino da Costa Albuquerque, Tesoureiro da Sociedade, mostrou os seus dotes poéticos, declamando:

"Brasileiros, ouvi! — o incendiário  
O fero paraguayo, o monstro imigo  
Não pôde resistir! temendo o p'riço.  
P'ras matas se internou com seu erário!

Corrido do seu antro solitário  
Em vão, em vão demanda novo abrigo!  
Brasileiros! aos céus um canto amigo  
Elevai pela queda de um sicário!

Co'entusiasmo febril saudai ufanos  
Os potentes guerreiros que alcançarão  
Tão soberbos triumphos contra insanos,

Que o "pendão armillar" vil pendiarão!  
Saudai, saudai os bravos veteranos  
Que a honra do Brasil desaffrontarão!.."

E, ainda, no mesmo mês de fevereiro, a 27, reuniram-se em sessão magna, com grandes e belos recitativos.

A 13 de março voltaram a reunir-se.

Aproveitando a passagem, pela Destêrro dos ocos raros, do 30º de Voluntários da Pátria, a Associação juntamente com o Comando daquela Unidade Militar promoveu uma homenagem à memória do herói desterrense Coronel Fernando Machado de Souza, ocasião em que os consócios da "Amor às Letras" fizeram um brilhareço "não poupando esforços para render homenagens e ovações aos Bravos Defensores da Dignidade Nacional com discursos, poesias e outras manifestações".

Isto foi a 16 de março, e, nessa ocasião, o Programa esteve assim elaborado e cumprido: Discurso da Comissão de Homenagem, Soneto do Presidente honorário da Associação (Franc. de Paulicéa Marques de Carvalhos), Soneto do Presidente efetivo (Pedro José Leite Júnior), Discurso do Vice-Presidente da Associação, além de outros sonetos e discursos pelos vários membros da entidade, que, infelizmente, a imprensa da época não registrou, para nosso estudo.

E, cada vez que um Corpo de Tropa, de retorno dos campos da luta, passava pela Destêrro, havia uma sessão cívico-literária.

Desta forma, a 12 de abril, reuniu-se em homenagem à 2ª Brigada de Voluntários da Pátria, momento em que Francisco Paulino da Costa Albuquerque recitou o soneto de sua autoria "O Soldado Brasileiro".

Mas, não só de poesias e homenagens era a vida da Associação Literária "Amor às Letras". Na cidade provinciana as coisas não eram fáceis, e, a humana gente não se comprazia só com as belas e altissonantes letras poéticas. Havia necessidade de outras espécies de

palavras e, houve, um "conista" amargo, provocado, talvez, por alguém despeitado ou, quem sabe, por algum trocista, tão próprio da paisagem local.

A Diretoria da Associação não esteve pelos "autos". Distribuiu nota à imprensa ilhoa, estampada nos jornais de 20 e 22 de abril, vassada nos seguintes termos:

"Constando á sociedade "Amor às Letras" que algumas pessoas desta Capital tem attribuído ao Sr. Coronel Francisco Lourenço de Araujo, comandante da 2ª Brigada de Voluntários da Pátria, certas expressões desfavoráveis à mesma Associação, com referência às ovações por ella feitas áquelle Coronel e seus dignos comandados na tarde de 12 de corrente", etc., etc.

E, dêste modo, liquidaram o assunto e voltaram à sua vida normal.

Deve-se, entretanto, acrescentar que, na festa de 12 de abril, o Coronel Francisco Lourenço de Araujo recebeu da Associação uma coroa de louros.

A 24 de abril, pela primeira vez, a Associação dedicou uma sessão magna a outros assuntos. Era domingo. Às 10 horas daquêle dia, o sr. Franc. de Paulicéa Marques de Carvalhos dissertou sobre a origem e desenvolvimento da liberdade política e civil e os srs. Pedro José Leite Júnior, Henrique Carlos Watson e Francisco Paulino da Costa Albuquerque discutiram o tema "Origem e desenvolvimento mais distinto da literatura brasileira".

A cidade do Destêrro na linguagem dos poetas da Associação passou a ser "Exiliópolis" e Francisco Paulino, a 27 de abril, no ensejo da passagem do Conde d'Eu, pela Capital Catarinense, recitou êste soneto:

"D'Estirpe Augusta Heroico descendente,  
Filho de Pallas, no valor, na gloria,  
Ninguém te leva a palma da victoria,  
Que Bravo conquistaste em luta ardente!

Tua dextra d'heróe ignipotente  
Nas aureas fôlhas da moderna história  
E dos Brasileiros na imortal memória  
Gravou teus louros e teu nome ingente.

A ti esta ovação d'un'alma accesa  
No fogo do amor patrio e agradecida!  
Eu te saúdo, exemplo à realeza,

Mancebo Heroe que no calor da lida  
E nas pompas vãs d'alta nobresa —  
Teu nome engrandeceste e a Pátria  
[q'rida!

Acontece que havia os sócios honcrários e dêstes um se manifestou pela Imprensa Desterrense homenageando a Associação "Amor às Letras". Era Manoel Bernardino Augusto Varella figura que freqüentou muito e louvavelmente as páginas dos periódicos de então. A manifestação de Varella está cferecida aos "membros da Sociedade Amor às Letras" e é dêste teor:



"Illustrado, sympathico Paulino,  
Carmôna, lá dos Lusos ornamento,  
Machado, bom no brio e no talento,  
Enthusiasta Leite; — a vós meu hymno!

Brasilicio infantil, d'Euterpe di'no,  
Bem Watson, ás letras dando augmento,  
Pauliscéa, que entre Sabios tens assento,  
Activo Salemé, Costá ben'i'no.

Estimavel Fagundes, bem Cardoso,  
Oh! pleiade de jovens amadrecs,  
Que as Letras cultivaes de modo honroso.

Permiti vos dirija meus louvores,  
E vos saude, oh! grupo esperançoso!  
Pois sois das patrias letras os cultores!"

E, a 8 de julho, houve assembléia geral dos associados, "para discussão e votação dos estatutos", com início às 16,30 horas.

Que a Associação "Amor às Letras" ia bem e vivia intensamente não se pode negar.

Por outro lado, não se esqueciam dos seus benfeitores e, lá, pelas tantas, fizeram publicar na Imprensa Desterrense este agradecimento:

"A Sociedade Amor às Letras sempre grata aos favores recebidos, rende um voto de agradecimento ao Il. no. Sr. Carlos Augusto Caminha, digno administrador da typographia do Constitucional, pela maneira nobre, generosa e desinteressada porque se tem portado para com ella; publicando gratuita e constantemente em sua conceituada folha muitos dos seus trabalhos, escriptos literarios e extensas noticias de suas sessões.

Orgãos d'essa sociedade, pedimos des-

culpás a S. S. se offendemos a sua modestia com a sincera manifestação dos nossos sentimentos.

Sala das sessões 24 de Julho de 1870. O presidente effectivo Sebastião Machado da Silveira. O primeiro secretario F. Paulino da Costa e Albuquerque."

Após este agradecimento somente mais uma demonstração de vida!

Fizeram realizar a 24 de setembro daquele ano uma sessão fúnebre em homenagem à memória do Fundador do Império Brasileiro, na passagem do aniversário do seu falecimento, às 16,30 horas. Havendo inscrição prévia dos oradores, com meia hora de antecedência.

As nossas buscas e as nossas atenções no perquirir os jornais desterrenses de então nada mais encontraram.

Talvez, com mais vagar, com outros olhares novas faces dessa sociedade de homens-de-letras se desvendem.

Dada a exigüidade do espaço deixamos de tecer maiores e mais explicativos comentários sobre personalidades como Silvio Pelico de Freitas Noronha, Franc. de Paulicéa, Leite Júnior, Francisco Paulino, Henrique Carlos Watson e os demais personagens dessa aventura literária desterrense.

Estas anctações — como declaração final — não tiveram outro intuito senão mostrar que na Desterro sempre se fez vida literária e o que falta é muita pesquisa para completar o panorama das letras catarinenses!

Se não houver pesquisa haverá, forçosamente, a apresentação do panorama literário catarinense como pequenos renascimentos separados por longos hiatos.

Aquí ficam, pois, estes apontamentos.

## A INVASÃO DOS ...

(Continuação da Pág. 25)

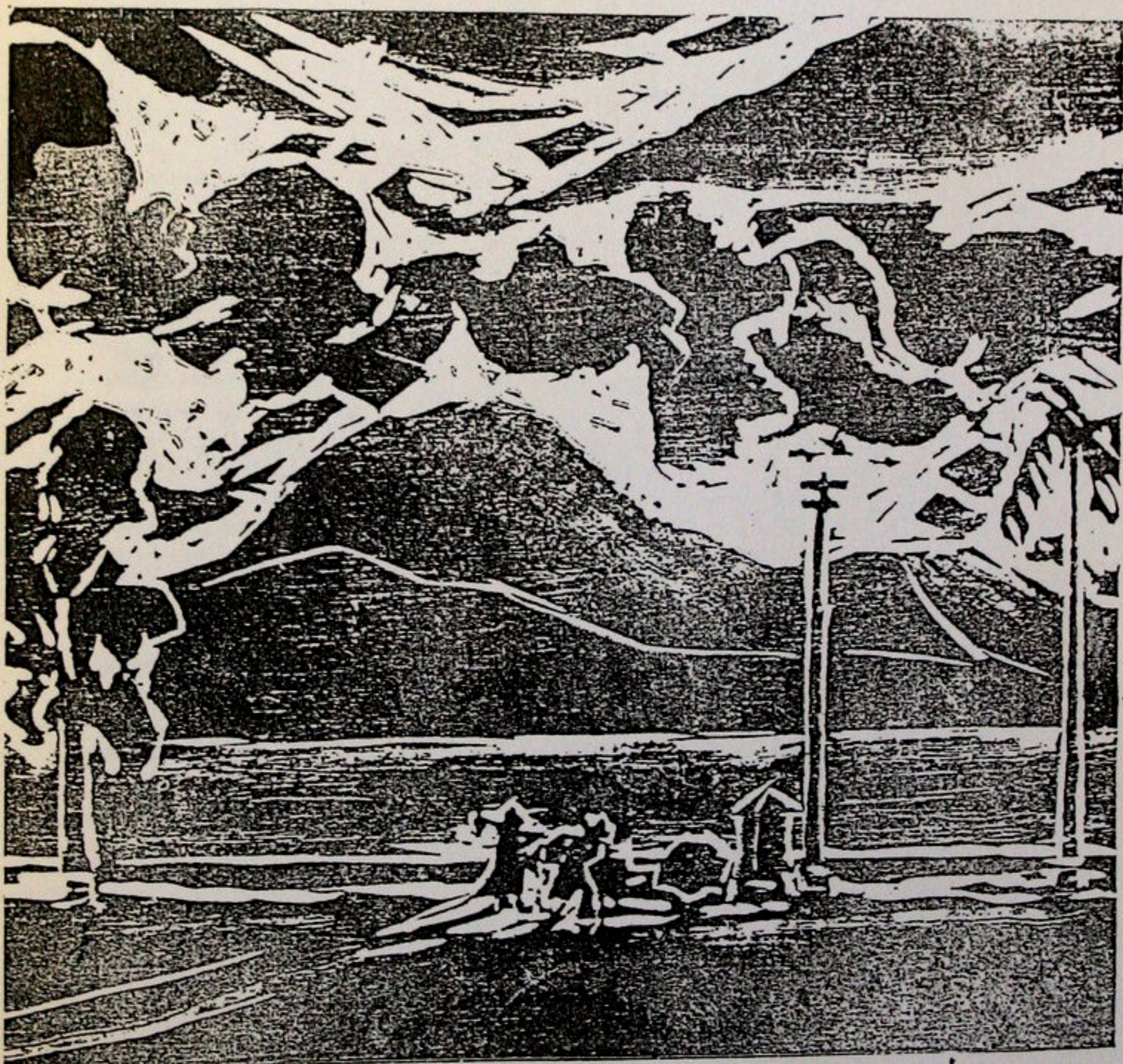
teresse, sobretudo quando se sabe que impérios econômicos germinam por detrás dessas publicações.

De todo modo sabe-se que são altamente motivadoras e se equacionam com a capacidade de aprendizagem das crianças e jovens. E disso resulta sólida confirmação de postulados pedagógicos que aconselham o ensino visualizado, como de surpreendente rendimento, o que nem sempre é devidamente considerado e aplicado. Os negociantes, magnatas dos "quadrinhos", nesse tocante, se adiantaram, aos métodos de ensino insistentemente teóricos e improdutivos, porque não raro se tornam intangíveis à percepção por indivíduos em específicas fases de desenvolvimento. Por outro lado, a tendência redutora dos fatos, "aos quadrinhos", de que nos fala o Rev. Evans Garfield, pode ser interpretada como sinal que exprime conjunturas da dinâmica da vida atual, da qual as crianças, talvez, sejam as maiores vítimas. Nasceram num mundo supercivilizado, e dele não podem escapar, mas sim nele terão que se adaptar, para o que concorrerá, favoravelmente, o discernimento do mesmo. Qual o trampolim que aparece à criança para entender o mundo dominantemente dos adultos, senão aquêle que possui algo de realidade transfigurada mas em harmonia com seu natural mundo de imaginação cu de realidade illusória? Se aceitamos afirmativamente a supra interrogação, os "quadrinhos" se oferecem como natural via de acesso entre as crianças e o mundo complexo dos adultos. Se roubarmos a fantasia real das crianças, que lhes daremos em troca? Que tipo de realidade apresenta o muito de poesia e de contato que os quadrinhos, alguns, oferecem às crianças?



— CREFUSCULO —

xilogravura de O. Goeldi





## ELEGIA DOS OLHOS DE

José Mauro Gomes de Mattos — o José Mauro tão conhecido nos nossos meios radiofônicos, o Mattos das rodinhas literárias — foi um espírito inquieto, insatisfeito. Espírito aberto a tudo, inteligência viva, se mais não fêz deve-se a esta inquietação que o torturava e dominava. Mas em tudo se exercitou se não de maneira cabal, pelo menos de maneira a possibilitar uma visão de suas amplas possibilidades e qualidades. Poeta, crítico, contista, radialista, jornalista, cronista; "public relation", saltava de uma atividade para outra, como quem está buscando o seu caminho. E é ele mesmo, em trecho do diário que bem o caracteriza, quem declara: "Morro descreio d'êste diário. Sou inconstante, incapaz de chegar ao fim de qualquer coisa e provavelmente não escreveria aqui por muito tempo. Entretanto vou tentar". Assim foi. Quando se pensou que ele, afinal, fôsse se estabilizar, adoeceu e, com trinta anos incompletos, da mesma forma como vivera, às pressas, lá se foi. Morte rápida, imprevista, que desnorteou seus amigos. Deixou uma obra relativamente vasta, mas quase tôda incompleta. A parte mais realizada é a poética. Juntam-se a isto alguns contos, fragmentos de romances, tentativas de ensaios programas de rádio, experiências para cinema... Que mais? Que poderá isto nos dizer da fascinante personalidade de Zé Mauro? Apenas uma pálida idéia! Mas uma pálida idéia que mostrará o quanto perderam nossas letras. O conto que selecionamos para esta página é bem típico. Mostra qualidades e defeitos do escritor José Mauro Gomes de Mattos. Facilidade de efabulação, sutileza no narrar, tipos psicologicamente bem traçados, de um lado; do outro esta precipitação que é a maior inimiga de todo trabalho artístico; realização por vêzes precária. Mas Mattos possuía o sentido da arte. Sabia que o que vale acima de tudo é a busca, a pesquisa formal paralela ao conteúdo, forma e conteúdo uma coisa só. E que o conto moderno vive do além, provindo direto de uma K. Mansfield de um Tchecov, de um Kafka e dos modernos contistas norte-americanos. É mais flagrante, o apanhado de uma situação e de uma conexão, de que uma história bem contadinha com começo, meio e fim. "Elegia dos Olhos de Nadir" situa-se nesta linha.



# N A D I R

CONTO DE JOSÉ MAURO

Nota de SALIM MIGUEL

É certo que Nadir não mais será.

Se me perguntarem de como tudo findou talvez eu não o saiba explicar. As palavras viriam até os lábios, todos os gestos seriam feitos, mas os grandes olhos de Nadir estariam me olhando, os grandes olhos aveludados de Nadir. As palavras sempre morrem para Nadir me olhando.

Tenho ainda de dizer que Nadir me fala muitas vezes. Quando nas noites longas estou só com a minha angústia, Nadir me fala. Não a entenderei.

x x x

Nadir veio assim como todas as coisas, num namoro banal, baloiçante, morto, pacato em bancos de jardim e sessões de cinema. Aos

poucos completou-se e ficou sombra ao meu lado.

x x x

O amor ganhou-nos e nos unia cada vez mais.

Houve dias longos e desencantados de desencontros.

Depois cresceram os braços longos de Nadir que me envolvia. A boca elástica de Nadir esticou-se para os meus beijos. E vieram os seios de Nadir, já em montes, coxilhas, para o meu afago. Os olhos, só depois, os grandes olhos, olhos negros, aveludados olhos de Nadir, estiveram comigo.

O milagre da consubstanciação de Nadir em mim processou-se em haustos dolorosos.

x x x

Foi então que aconteceu a morte do pai, a falta de dinheiro, o desemprego, o desespero.

Nadir, já agora em mim, gigantesca, tomou-me.

Eu chorei e sofri em Nadir o amor impossível.

O desespero levou-me a conclusões e as conclusões levaram-me à morte.

Longas horas perdidas e Nadir ausente me chamando.

Então voltei e Nadir olhou-me percebendo o fim.

Numa noite qualquer de um dia bem distante olhou-me e viu o meu aniquilamento chegado.

Um longo tempo ligou-nos em silêncio enquanto mais cresciam os longos braços de Nadir salvadora a me arrancar de abismos insondáveis, de profundidades marinhas, de infernos remotos.

E Nadir tomou-me e disse a palavra!  
— Vem.

x x x

Todos dormiam na casa e os minutos mortos de horas defuntas acordavam silêncios.

O quarto de Nadir tinha um cheiro manso e um gosto doce, o mesmo cheiro manso de Nadir, o mesmo gosto doce do corpo de Nadir que eu tive.

O amor veio e foi nos suspiros e dores de Nadir.

Depois a calma, o amor findo e esfacelado em rosas pudicas que em gestos desavocados rolavam pelo chão.

Olhei para Nadir.

Na penumbra, só então cresceram os olhos, os grandes olhos, negros e aveludados olhos de Nadir essência, que ficaram comigo.

x x x

Contem que Nadir partiu, desapareceu, mas eu não creio, agora mesmo crescem os longos braços de Nadir, aproximam-se os lábios elásticos de Nadir, e os seios são coxilhas enormes clamando pelo meu afago. Até sinto o cheiro manso e o gosto doce de Nadir, mas o amor não se realiza, nunca mais será, porque os olhos negros de Nadir, os aveludados olhos grandes e negros de Nadir estão em mim profundamente.





LAVADEIKAS DAS MALOCAS

Edgard Koetz — Porto Alegre



## História qualquer

Pedro de Garcia

Velo rente ao chão, escutava o toque das cornetas, e evidenciou sua fuga em roupa disforme, sapatos díspares e grandes, trazia tocos de braço e flores murchas no quepe, às vezes teatral curvava-se aos circunstantes que o viam, procurava pregos na roda de caminhões e tirava correias de bicicletas, subia em escaladas montes inaccessíveis e bradava eureka em exclamações diversas, como os desastres se multiplicassem retornou às roupas pretas, procurou luas refletidas em vidros e invadiu cidades na ânsia dos encontros, entoou cânticos e percorreu estradas, evadiu-se mais, furtivamente penetrou na tela de um pintor, depois equilibrou-se na corda de um circo, retornou mais uma vez, procurou os cigarros e os distribuiu, comeu nos restaurantes e saindo de cinemas invadiu festas, extenuado procurou amantes, e pássaros alados e ícaros encontrou, encontrou sereias, fogueiras enormes peixes e conviveu nas águas frias, os pólos conheceu, encapotou-se nos desertos louco de sensações estranhas, e dormido e sonhado não presentiu-se pesadelo, descuido de trapezista: projetou-se aos azulejos de uma rua, morfinômano quis reerguer-se, ainda teve forças para enterrar-se sem etiquetas de monumentos, viveu entre as forças vivas, hoje fogo e ar esplande e foge.

## O PRISIONEIRO

RODRIGO DE HARO

Acaricieei a morte essa horrível noiva  
Mergulhei as mãos em sua cabeleira fron.

[dosa,  
Quis tê-la perto antes que a febre partisse  
Os muros de meu quarto não bastaram  
[para ela

nem aqueles, de meu pobre corpo soube.  
[ram prendê-la.

Eu não tive forças para suportar meu  
[amor.

Eu não tive forças para suportar meu  
[amor.

Então  
eu quis prender a morte em sua boca  
de apodrecidas cerejas  
portanto  
julguei estalar meus ossos neste abraço  
antes que os graves gemidos de meu  
coração me  
acordassem.

## Dois poemas de:

WALMOR CARDOSO DA SILVA

## Poema do rio

Depois dos teus cabelos, o rio  
liso, dormindo peixes.  
O sol dourando a água, a flor  
boianço, o barco só.  
Rio.céu presença de céu  
refletindo sons de pássaros.  
A quietude, só o remo fere  
a água verde e o vento.  
O rio canta canções.  
Undula a ilha solene e morna  
a embalar pescadores.  
Beleza imutável na memória  
vvida nos olhos cheios de sono.  
A lua enfeita o rio. Rosa  
da noite nos cabelos do rio.

## Primeiro poema

No início o mar, depois e sempre  
o mar, motivo de vida e solidão.  
Líquidas frases renovando infin.  
dáveis as palavras molhadas. Cheiro  
e gosto de sal, brilho azul, céu  
em arco resposta em mar do que é.  
Sobrevoam nuvens também mar,  
também princípio eterno, futura  
[chuva.  
Tudo é mar, tudo é azul, tudo é mar.



**Fragmentos a  
margem de uma  
comemoração**

Othon d'Eça



MACHADO DE ASSIS E CAROLINA



Raros, no Brasil, os escritores que conseguem ultrapassar, víçosos e quentes, duas gerações!

Depois de mortos, nem mesmo como Mr. de Malbroug, têm por cima, para lhes enfeitar as obras e as covas, em canções ou em odes seriíficas — as rosas e os loureiros.

Poderia citar grandes nomes do século XIX e dos comêços do século XX tempos na verdade de ontem — que mal chegaram até aos dias de agora: dêles apenas andam por aí frágeis referências, alguns fragmentos ligeiros da sua prosa ou um versinho ingênuo, rimado aos vinte anos, escondido entre as páginas de velhas antologias ou ornamentando algum album de senhoras em idade de respeito mas que teimam em viver na orgia ideal do romantismo.

As vêzes — uma anedota, duas ou três frases arrumadas ao jeito de sentença ou um anexim com o passa-piolho do Marquês de Maricá.

E é só!

Alencar ainda é lembrado porque Ceci de camisola e Peri de tanga, entre grandes luzes, abraçados na ribalta, cantam e sofrem aos lamentos dos violinos e aos rancos compassados do contra-baixo.

De Casimiro de Abreu — nem mesmo as olheiras tristes e fatigadas do poeta!

Se falarmos de Alvarenga — muita gente é capaz de pensar que se trate duma enbarcação e se Castro Alves não continua morto e bem enterrado — é porque, mais do que os seus poemas incandescentes, ficou, para a posteridade, a sua cabeça desgrenhada e condoreira de bardo da abolição.

E isto em relação aos poetas, que muitos dêles, apesar de tudo, ainda freqüentam, misturados a fitas e restos de baton, as gavetas das meninas líricas, linfáticas e retardatárias.

Face aos prosadores ou romancistas — gente de conteúdos menos moles então tudo fica pior: — êsses apenas se podem consolar, no fundo de suas covas, com o Juízo Final, quando voltarão a caturrar com os seus velhos leitores! com êles ressuscitados.

Ninguém mais, hoje, lhes cita os nomes nem o feitio das rabonas: — é que saíram dos nossos costurtes os saraus com recitativos, gasosa de boia, balas de estalo, chá com torradas, cavalheiros de gaforinha e senhoras de grandes leques refrescando os seios opulentos.

Com Machado de Assis tôdas as cousas mudaram: tudo passou diferentemente, como no velho milagre da burra de Balaão.

Mesmo os rebeldes do movimento de S. Paulo, iconoclastas magníficos que devoravam, numa antropofagia barulhista, acadêmicos e não-acadêmicos do país — respeitaram o engenhoso sarcasta de Cosme Velho.

É que a obra do memorialista de QUINCAS BORBA, pelas suas peculiares substâncias e conteúdo literário, conseguiu ficar, interessante e viva, mau grado as devastações dos tempos, as marretas dos inovadores e, às vêzes, a sua falta de originalidade.

Por isso, é confortador assistir-se, cinqüenta anos depois de sua morte, à celebração do mulato insigne — que viveu, incompreensível e incompreendido, entre os homens do seu tempo, que êle fustigou e escarneceu nos seus vícios, nos seus defeitos e até mesmo nas suas virtudes.

Dizem que Machado de Assis foi um frustrado, um misantropo morando dentro do seu alheamento, indiferente aos acontecimentos da sua geração e do seu país.

Isto não me parece muito certo.

Machado foi um escritor adulado, quase temido, e cuja inteligência, tocada de uns tons agressivos, venceu, sem resistências, um mundo de preconceitos e dominou até mesmo o ambiente em que fulgiam, comandadas e alvejavam coletes brancos.



# As Pernas de Esperidião

Estava agora no hospital. Quarto branco. Portas e janelas também pintadas de branco. E de branco entra uma freira com uma xícara de leite na mão.

Esperidião olhou para a irmã e teve um leve sorriso para ela, em que se traduzia uma verdade:

Tudo era branco naquela casa.

Recusou o leite. Não desejava se alimentar. Não sentia fome, apenas sede, uma sede profundo que lhe ressecava as entranhas e que nem a água conseguia mitigar. Diante das insistências da religiosa, terminou por server alguns goles de leite, mais para aplacar aquela sede torturante do que para fortificar-se, conforme lhe dizia a irmã, para reanimá-lo.

Fechou os olhos e só ouviu o ruído da porta que se abria e se fechava num ganido suave e deixava a irmã se retirar. Desejava dormir. Dormir e morrer. Passar por um sono sem fronteiras. Um sono ilimitado que o levasse desse mundo para o outro, sem que ele sofresse mais, sem dores físicas nem morais.

Levemente abriu os olhos e alçou um pouco a cabeça. Tão pequeno estava agora. Seu cumprimento não ia além ao de uma criança de colo. Seus olhos foram até o fim da cama. Horrorizado olhou o espaço vazio, imenso, que ficava entre seu corpo e os pés da cama e que era ocupado, outrora, pelas suas pernas. Fechou novamente os olhos, espremendo fortemente as pupilas em seu interior.

— Por que aquela cama tão ampla?... Caberia até mesmo num berço... Inutilidade.

Cruzou sobre o tórax os braços. Admirou-se de vê-los assim livres. Achou-os gigantescos. Concentrava-se agora, em seus braços, todo o movimento, toda a sua vida. Olhou novamente o espaço onde deveriam estar suas pernas e admirou a depressão da colcha naquela parte. Todo ele terminava ali, abruptamente. Não media mais de um metro, se muito. E teve consciência, então, de que são as pernas que fazem o homem ser grande, ter altura e respeitável estatura. Sem elas, o homem torna-se ridículo, inferior ainda a um anão.

Deu-lhe vontade de levantar a colcha e espiar outra vez seu corpo mutilado. Afastou a idéia, que lhe deixara nervoso, por demais, ainda há pouco, quando o fizera e vida os dois cotocos enleados em gaze levemente rosada, que cobriam as buchas de algodão que deveriam

Conto de ARNALDO BRANDÃO

estar vermelhas de sangue coagulado à força de injeções.

A idéia agitou-lhe fortemente o cérebro. Sentiu mais sede e chamou a irmã. Ao toque da companhia, ela retornou incontinenti. Deu-lhe água e ajustou sobre o corpo do enfermo a coberta que se amaralhara. Posou sobre a testa de Esperidião sua mão aberta. E Esperidião aspirou de perto o perfume do desinfetante violento que dela escapava. Não era uma mulher, tão pouco um anjo, segundo dizem aqueles que passam pelos hospitais. Era apenas um elemento natural àquela casa, com a mesma brancura irritante e as mesmas vibrações violentas que se desprendiam de todas as partes.

— Era quantas cabeças ela já havia pôsto sua mão durante aquele dia?... Fizera o mesmo em todos os leitores. Era esta a sua obrigação.

A irmã afastou-se com um tilintar suave de contas de rosário e de largas saias espaventadas.

Esperidião voltou a se analisar. E agora o que faria sem as duas pernas? Usaria muletas e pediria esmolas como um velho que conhecerá, em menino, no portão da escola? Não; muletas eram antiquadas e iriam calejar suas axilas. Lembrou-se de pernas mecânicas. Contratou a fisioeconomia. Deveriam ser caras. Como arranjaria dinheiro para comprá-las?... Teria de economizar muito para adquiri-las. Primeiro compraria uma, depois daria um jeito de obter a segunda. Haveria de tê-las de qualquer maneira, embora não as adquirisse de uma só vez.

Este pensamento exitou-lhe o cérebro e fez trepidar seu sistema nervoso. Sentiu dores





— Fecundidade —

desenho de João Evangelista de Andrade Filho

violentas nas virilhas e na parte inferior do abdômen. Parou de pensar e principiou a gemer baixinho. Desesperou-se e mordeu fortemente a ponta do travesseiro para não gritar. Arrependeu-se de ter pensado no futuro. Para ele não havia futuro. Precisava morrer para acabar com tudo aquilo. Suas mãos alcançaram os cabelos e Esperidião pôs-se a puchalos com força. A freira que o veio espiar, através da fresta da porta, saiu apressada, regressando em seguida com um calmante que o fez tomar rapidamente, com água açucarada.

Dai a instantas o enfermo se acalmava e caía numa ligeira matorna. De quando em quando, seu corpo estremecia numa frenética agitação. A freira voltou daí a momentos e injectou-lhe um entorpecente. Esperidião foi tomado então de uma sonolência profunda, que se confundia quase com a morte. Não sentiu o dia morrer e a noite que caiu ventosa e fria.

Lá foda no pátio, dois convalescentes conversavam e comentavam a tragédia do quarto número seis.

— Fôra horrível!... Relatava o primeiro que tinha um braço na tipóia. O marinheiro encontrava-se no convés de pôpa, quando a espia partiu-se. A força da maré havia afastado o navio do cais, inesperadamente. Não dera tempo de dar os mais cabos ou soltá-los dos arganés. Preso às amarras, o barco foi se distanciando rapidamente, retesando violentamente os cabos... Marinheiros como loucos cumpriram ordens em ambos os conveses.

— Mais cordas... Afrouxar as espias... Soltar o cabo de través. Largar tudo, para uma nova atracção...

Pobre do Esperidião! O único que ficara na pôpa a virar o bolinete, a repolher cabos, a controlar as espias de ré. Foi quando um dos cabos não suportando a tensão que o afastamento da nau lhe ocasionara, arrebentou feito corda de violão.

O chicote alcançou-lhe as duas pernas na altura das coxas, decepando-as fulminantemente...

— Pobre homem, deixou escapar o segundo convalescente.

— A desgraça alcançou-o de cheio. Um aleijão para o resto da vida, apiedou-se o primeiro, levantando-se vagoroso e se dirigindo ao corredor onde colou a testa à fresta da porta do fuarto seis a observar o enfermo que despertara e principiava a soltar imprecações, contra Deus e o mundo.

Acordara-se com o pesadêlo. Era o cabo que circulava no ar e se enrolava, desta vez, em seu pescoço. Estrangulá-lo-ia, não tivesse despertado em tempo. Suava frio e sentia os olhos faiscarem. Procurou acalmar-se e reconfortar em seu pensamento o trágico acidente. Mas tudo era tão confuso e impreciso. Somente aquele estouro nos ouvidos e o tombor inesperado no chão. Depois o sangue morno, a dor que não era tão grande e as pernas ensanguentadas que rolavam pelo convés. O grito rouco de um alucinado e o desmaio.

Dias depois, o quarto branco. A freira também de branco. A sede insaciável e aquêle anestésiante que o fizera adormecer e esquecer-se de tudo, mas que o ia familiarizando com a morte — erradamente para ele — a única solução.



# Legislativo, Esteio de Democracia

Nossa legislação política que é um modelo de precisão legal, nos tem assegurado ao Brasil o seu regime democrático.

O Brasil, país que se caracteriza pela exiguidade de braços e pelo constante aumento de atividades, oferece à democracia que sofre de uma contingência natural, uma capacidade própria de se legislar, esforçando-se com a inteligência humana à adaptar-se ao clima elevado da sociologia.

O poder legislativo é o que exerce maior influência sobre os destinos nacionais e estaduais, representa um papel importantíssimo nos governos republicanos e presidencialistas, uma vez que ocupa o lugar do povo. De sua ação, depende o movimento de todo o mecanismo governamental. Sem que ele exerça suas atribuições os outros poderes não poderão exercer as suas.

A riqueza, a paz, o progresso, em uma palavra, os destinos da Nação, estão confiados ao Congresso. A maneira com que o Legislativo exercita suas importantes atribuições, como Assembléia fundamentalmente política, elevam as qualidades dignas de serem apreciadas nos deputados de todos os rincões brasileiros.

Em Santa Catarina a Casa do Povo, pelo elevado teor de qualidade espiritual, tem-se destacada pela sua história gloriosa de lutas. A escolha de um elemento capaz, como a do Deputado Braz Joaquim Alves, para a Presidência da Assembléia Legislativa do Estado, representa a confiança que lhe depositam os seus pares naquela casa. A liderança dos partidos, com oradores de grandes capacidades equilibram os espíritos existentes no legislativo barriga-verde. No P. T. B., encontramos o Deputado Evilário Nery Caon, na U. D. N. o Deputado Romeu Sebastião Neves, no P. S. D., o Deputado João Estivalet Pires, no P. R. P., o Deputado Quirino Flack, no P. S. P., o Deputado Volnei Colaço de Oliveira e no P. D. C., o Deputado José Zanin. Todos líderes, com aperfeiçoadas características políticas, de elevados sentidos analíticos.

O poder emanado do povo é o próprio povo. Em Santa Catarina o legislativo oferece uma tranquilidade ao povo catarinense, pois seus destinos estão entregues à homens dotados de integridades morais, capazes de realizarem o bem estar da sua gente. Graças ao espírito do povo que compreende as elevadas funções que encarna um Deputado, poderemos afirmar que o Legislativo é o esteio da democracia, uma vez que o povo se acha presente em todos os seus atos, representado com digna e satisfatoriamente pelos seus representantes.



# CELSO RAMOS

## E O SEMINARIO SOCIO ECONOMICO



CELSO RAMOS

Neste fim do século XX, não se pode pretender o desenvolvimento de um Estado sem conhecer a fundo a sua realidade.

Fara um perfeito planeamento é necessário o amplo conhecimento das coisas, com suas particularidades e características.

Defendendo esta idéia, Celso Ramos teve a iniciativa de promover um seminário sócio-econômico em Santa Catarina.

Dar uma visão panorâmica do nosso Estado e medir fria e pormenorizadamente os seus problemas, a fim que possam as atividades, quer públicas ou particulares, intentar um eventual planeamento, é a finalidade do referido seminário.

Aiás não tem sido outro o seu desejo como Presidente da Federação das Indústrias. Sempre procurou, por intermédio deste órgão que preside, criar um instrumento desta natureza.

Diferente de todos as conferências e seminários, até hoje realizados, o seminário sócio-econômico se caracteriza pela participação direta da comunidade, através de suas diversas correntes de opiniões. O povo é que dará a opinião. Os técnicos extrairão as conclusões. Não há perigo, pois, de serem elas desajustadas a realidade, pois partirão conscientemente

da vontade de todos quantos se interessam pela modificação do "status" vigente e que não satisfaz ao grupo social.

Terá o seminário 3 etapas: primeiramente, ir-se-á à origem das dificuldades, isto é, às comunidades locais; daí para as regiões e finalmente para uma síntese global, que seria o coroamento do Seminário.

Vemos, assim, a sua importância inapreciável.

Não foi sem razão que Celso Ramos disse: "O Seminário Sócio-Econômico quer ser, e será, a voz autêntica da gente catarinense. Ele somará as experiências vividas e os anseios não satisfeitos da terra e do seu povo. O Seminário quer ser, e será, o passo definitivo no rumo das metas que marcarão os nossos futuros de progresso e enriquecimento coletivo".

Um Hotel de Classe  
Para seu Conforto



100 apartamentos com  
banho privado  
American Bar Restaurante

QUERÊNCIA PALACE HOTEL

Rua Jerônimo Coelho N.º 1

Florianópolis - Sta. Catarina - Brasil

Fones: 3840 - 3842 - 3847 - 3874 - 3880 - Rede Interna



# Um plano que honra o Estado de Santa Catarina

No mundo moderno onde a planificação vem substituindo as iniciativas desordenadas, é com justo orgulho que registramos a execução, em nosso Estado, do Plano de Obras e Equipamentos. É necessário que se tenha presente, para a compreensão do significado desse plano, os poderes da autoridade que o elaborou.

O Governo do Estado Federado, na Constituição Brasileira, não exerce ação sobre os fatores da economia. Trabalho, capital, moeda etc. são matérias da órbita federal. Não pode o Estado — Membro, desta forma, elaborar um plano econômico, porque dele não depende dispôr dos elementos essenciais a uma planificação dessa natureza.

Os Governos estaduais, no Brasil, dentro de sua esfera de ação específica, têm poderes para tomar decisões que interessam ao desenvolvimento da economia regional, dentro do conjunto imposto pelo Governo da União.

Até a execução do programa federal de estradas de rodagem, o Estado de Santa Catarina vinha desenvolvendo e mantendo sua rede rodoviária, com estradas de características técnicas modestas, mas que se adaptavam perfeitamente ao tráfego existente. Após a construção da BR.2, que atravessa o território catarinense no sentido norte-sul, passando por Lajes e Mafra, a situação mudou. Presenciamos a ameaça de uma divisão do Estado em duas partes, que tende a isolar o planalto dos portos do litoral, subordinando, economicamente, o planalto catarinense ao Paraná e ao Rio Grande do Sul, para onde leva os produtos de Santa Catarina a BR.2. O Plano de Obras e Equipamentos procurou combater essa tendência, iniciando a construção de rodovias do mesmo padrão técnico que as federais unindo a BR.2 aos portos de São Francisco do Sul, Itajaí, Florianópolis e Laguna. Já se acham concluídos, e entregues ao tráfego, o total de 100 quilômetros e outro tanto em

vias de conclusão, nas duas primeiras, empregando, até o fim do primeiro semestre de 1959, mais de 350 milhões de cruzeiros.

A energia elétrica foi planificada de maneira a se abastecer de energia todas as cidades catarinenses. Como, porém, a região do litoral, a mais industrializada do Estado, estava em crise, com grave repercussão na arrecadação pública essencial a execução do próprio plano, procurou-se resolver imediatamente o problema, entrando com 160 milhões de cruzeiros para a instalação de uma usina termelétrica de 100.000 kw na região carbonífera, a que se associa o Governo Federal, e instalando uma usina diesel-elétrica de quatro conjuntos de 1.260 kw cada um em Joinville. Nas demais regiões catarinenses, ao mesmo tempo em que se elaboram os projetos das usinas e linhas programadas, o Estado instalou 30 grupos diesel-elétricos e participou de pequenas empresas existentes, com o objetivo de as ampliar convenientemente. Nesse setor, incluindo-se os estudos e projetos realizados, os gastos, até a metade de 1959, foram superiores a 300 milhões de cruzeiros. O plano de Obras e Equipamentos, gastou no mesmo período, em material para a Agricultura, 36 milhões de cruzeiros; em equipamento e início da construção do Hospital de Lajes, no setor Saúde, 34 milhões de cruzeiros. Na Educação, cuja principal obra é o Instituto de Educação de Florianópolis, as despesas foram de Cr\$ 34 milhões. Além desses trabalhos, o POE fez o levantamento aerofotográfico de todo o território catarinense.

O Governador Heriberto Hulse está de parabéns, e, com ele, todo o Estado de Santa Catarina, pelo progresso do Plano de Obras e Equipamentos. É uma planificação que visou resolver os principais pontos de estrangulamento da economia catarinense e que tem, no dinâmico governador de Santa Catarina, um executor consciente das grandes responsabilidades do seu alto cargo.



# CARTA

A  
O

P  
O  
E  
T  
A

Meu caro C. Ronald Schmidt.

Foi pela leitura de outrem que tencei conhecimento dos versos contidos no seu livro POEMAS, já que circunstância imperiosa tão cedo me fechou as portas ao mundo maravilhosas das letras.

Não encontrei, por conseguinte, aquela sonoridade, aquela adequação da idéia para com a forma, a mesma harmonia que identifica o artista com a sua criação, atributos que, de pronto, ressaltaram ao meu ouvido, naquela tarde, em casa de Paschoal e Nicolau, onde, num ambiente de cordialidade e simpatia, você a pedido meu, leu "As mãos de Maria Bernward".

Não usei os rigores da crítica, nem me encteci à análise fria dos seus poemas, tampouco procurei enquadrá-los nesta ou naquela escola ou registrar a evasão a tôdas; sentindo, tão somente, impelida a expressar-lhe, com sinceridade e agrado, a impressão que espontaneamente resta em mim. Faça-o através do LITORAL cujo progresso acompanho com real interesse e de cuja turna do mesmo nome você é considerado um dos mais destacados e valerosos componentes.

A beleza e o colorido da inspiração pujante superaram os senões de noviço que entra no mundo mortal das Musas com uma luminosa e festejada estréia.

A insatisfação e angústia patentes nos seus versos, exprimem um conteúdo maior que o continente, o infinito encarcerado dentro "d'alma", como diria Augusto dos Anjos, não obstante, os férteis recursos de uma linguagem clara, conseguiram trazer para o mundo exterior, as sutis vibrações e os altos vãos de um mundo opulento e misterioso de abstração e de fantasia. Não lhe falta talento. Os clarins do presente já lhe anunciam, para um futuro próximo, um triunfo certo,

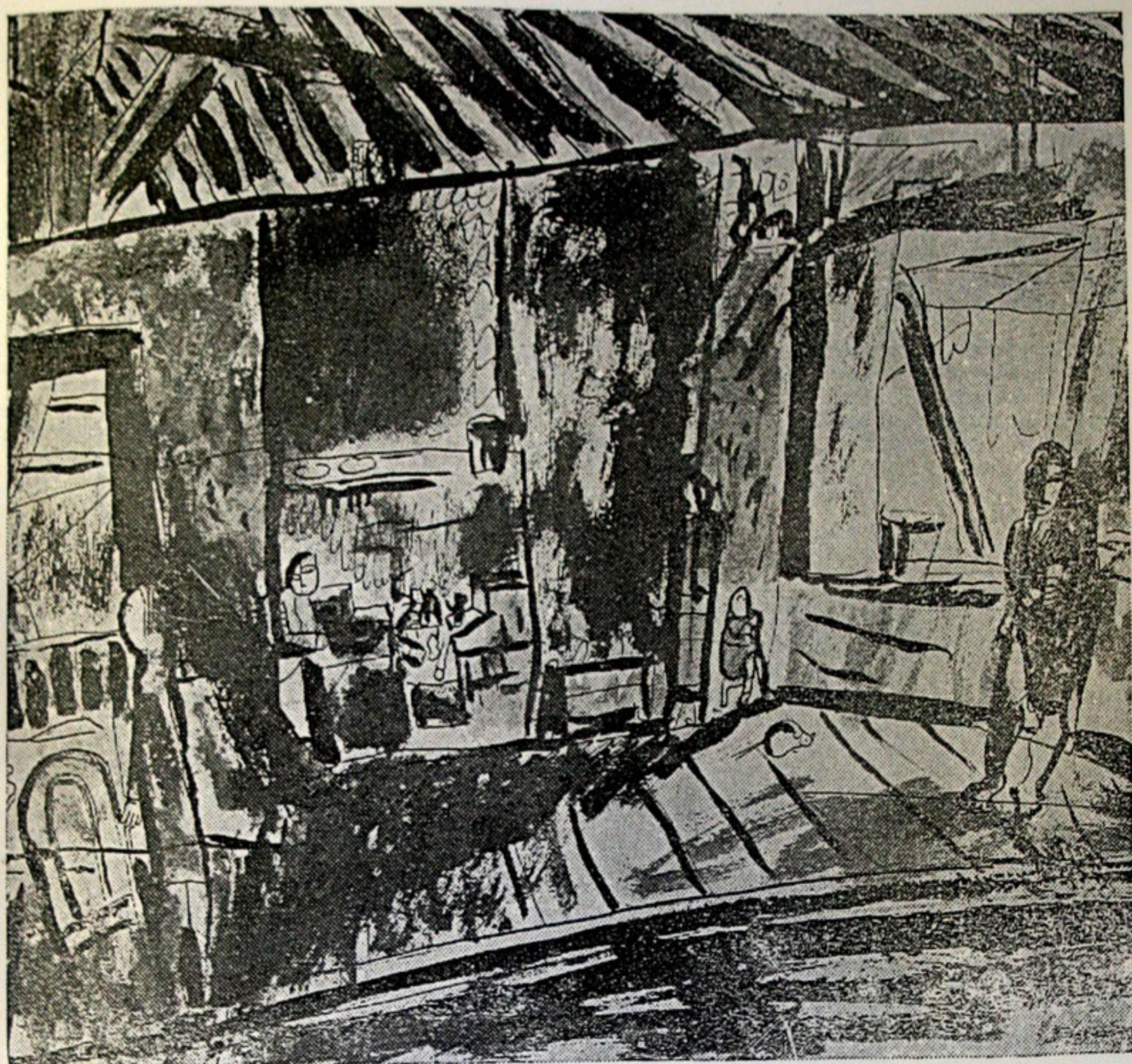
E para gáudio nosso e o de todos aquêles que palpitam ao ver esta juventude radiosa de nossa terra movimentando-se nos círculos intelectuais, à procura de um lugar ao sol, formulamos votos veementes de que em breve, exorbitando os limites do Estado, seu nome venha a brilhar entre outros grandes da poesia nacional.

Com os cumprimentos,

a admiração de

DAPHNE

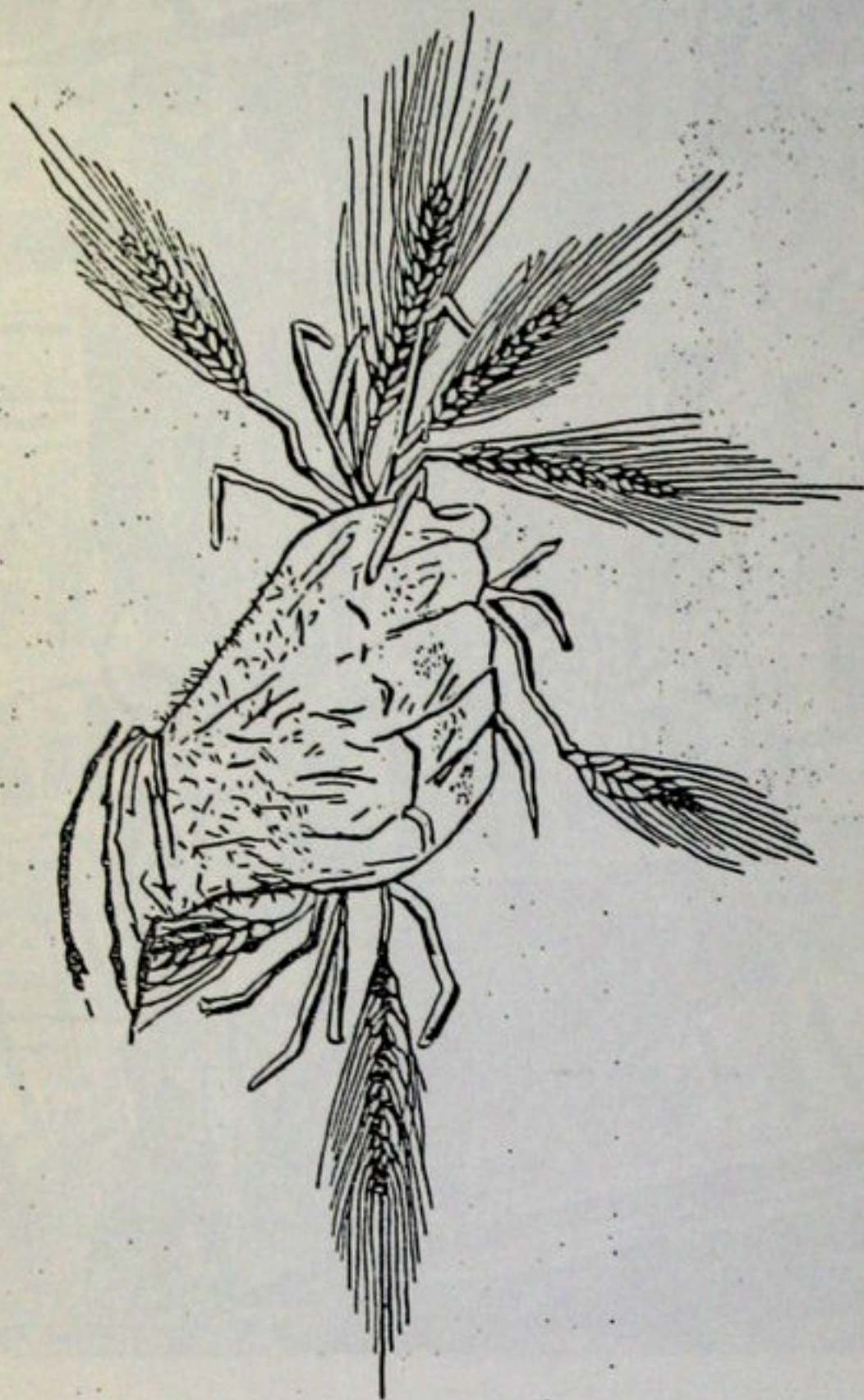




Composição  
de  
Van  
Rogger



# A "Ferrugem" do Trigo



A "ferrugem" do trigo (*Puccinia graminis tritici*), principalmente a do colmo é uma doença ocasionada por um fungo parasitando o vegetal por esporos formando pustulas ou colônias.

Os esporos são de dois tipos: uredosporo ou esporo de verão, que ataca o trigo quando as condições são favoráveis ao desenvolvimento do fungo; e o teliosporo ou esporo de resistência ou de inverno, que se forma quando as condições são desfavoráveis ao desenvolvimento do fungo e então nascem esporos que vão atacar plantas hospedeiras.

Como os teliosporos não atacam o trigo e os uredosporos não têm longevidade, pode-se combater a "ferrugem" do trigo, tomando-se precauções, porque não existe outra forma de combate.

## EVITE A "FERRUGEM" DO TRIGO

- 1° — Não enterrando a resteva, restolho ou secas e os restos da cultura.
- 2° — Destruindo a resteva e os restos de cultura por queima.
- 3° — Arrancando e queimando a brotação espontânea do trigo que surgir após a cultura.
- 4° — Escolhendo variedades de trigo mais resistentes a doença.
- 5° — Plantando na época certa.
- 6° — Fazendo a colagem do solo e adubação correta.

(Colaboração do Serviço de Expansão do Trigo — Inspetoria de Santa Catarina.)



1960. Ano de ...  
pelo Governo do Estado, 2 milhões de cruzeiros.

Visitando a Faculdade, tivemos a oportunidade de presenciar as recentes instalações e o moderno aparelhamento, tudo indicando, que os poucos alunos que ingressarão, em virtude do reduzido número de vagas, serão ótimamente servidos.

A Faculdade estará funcionando com o 1º ano, neste ano de 1960, e com apenas 28 (vinte e oito) vagas.

Os exames vestibulares serão realizados na 2ª quinzena de fevereiro, e constam das seguintes matérias:

Física, Química e Biologia.

Não haverá exames orais, nem práticos, como também não haverá exame de Português; contudo o Português será levado em conta através das provas realizadas.

Os programas do Vestibular, obedecem aos da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro e se encontram a disposição dos interessados com o Secretário da Faculdade, Dr. Prisco Paraíso.

Convém salientar que o processo de autorização do funcionamento, foi aprovado por unanimidade pelo preclaro Conselho Nacional de Educação, devendo o decreto respectivo ser assinado pelo Sr. Presidente da República, nestes dias.

---

## O LEITE É O MELHOR ALIMENTO!



EXIJA LEITE PASTEURIZADO  
DA U. B. L.

*porque é protegido contra  
qualquer impureza  
ou adulteração*



# 1960: Ano da Faculdade de Medicina



Savas Apóstolo, quando palestrava com o Diretor da Faculdade de Medicina de Santa Catarina

Após inúmeros obstáculos, ocasionados pela incredulidade e apatia de grande número de pessoas, e após incontáveis dificuldades ingentes e penosas, sempre presentes nos grandes empreendimentos, heis que surge a tão cobalçada **FACULDADE DE MEDICINA DE SANTA CATARINA**.

É para nós, os catarinenses, motivo de grande contentamento e regozijo, e intimamente sentimo-nos emocionados ao ver realizarem tal realização.

Era, na realidade, humilhante assistir o Estado de Santa Catarina despojado de meios e impossibilitado de construir a sua própria Escola Médica.

Famílias inteiras sofriam ao verem filhos seus, em demanda a outros Estados, em busca de Escolas Médicas ocasionando um verdadeiro desequilíbrio social e indo contra o princípio fundamental da natureza, o de fixar o homem na sua própria terra.

Felizmente, graças aos esforços envidados pela sã e exemplar Associação Catarinense de Medicina, foi fundada em nosso Estado, a ambicionada Faculdade. Hoje, já é uma realidade, e tem como Diretor, Dr. Roldão Consoni, como Tesoureiro, Dr. Lobato Filho, e como Secretário, Dr. Prisco Paraíso.

O corpo docente foi preenchido, somente as cadeiras básicas do 1º, 2º e 3º ano, por professores de Florianópolis e professores da Universidade de São Paulo e da do Brasil.

O Prof. Dr. Arthur Pereira e Oliveira (Anatomia Patológica) e Prof. Dr. Roldão Consoni, (Clínica Cirúrgica), são os professores contratados de Florianópolis.

Texto de: SAVAS APÓSTOLO

De fora do Estado, foram contratados os professores, para as respectivas cadeiras:

Anatomia: Prof. Joaquim de Castro Barbosa (Rio).

História e Embriologia: Prof. Dr. Francisco Alibio Bruno Lobo (Rio).

Bioquímica: Prof. Dr. José Salurn (Rio).

Farmacologia: Prof. Dr. Charles Edward Corbett (São Paulo).

Fisiologia: Prof. Dr. Joaquim Luiz de Moraes (São Paulo).

Microbiologia: Prof. Dr. Collete Fava Netto (São Paulo).

Parasitologia: Prof. Dr. Samuel Pessoa (São Paulo).

As cadeiras do 4º, 5º e 6º ano, serão preenchidas oportunamente.

O Patrimônio atual da Faculdade, é de 27 milhões de cruzeiros.

Contribuíram para este patrimônio, o Governo do Estado, que foi quem deu maior auxílio (17 milhões de cruzeiros, aproximadamente), Ministério da Saúde (3 milhões e meio de cruzeiros) e particulares.

A sede da Faculdade está localizada a Rua Dr. Ferreira Lima, em prédio próprio de 3 pavimentos, adaptado às novas funções, que conforme nos falou o Diretor da Faculdade, em audiência, foi gasto neste empreendimento



Dr. Roldão Consoni, ladeado pelos acadêmicos de Medicina, de Curitiba. Da esquerda para a direita: Savas Apóstolo, Dr. Roldão Consoni, Antônio Sbissa e Alfredo Daura Jorge.